

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Não choramos nossos mortos pela falta de uma guerra civil?

A televisão repetiu à exaustão no início do ano: entre março de 2011 e dezembro de 2012 (22 meses) 60 mil pessoas morreram no conflito da Síria (guerra civil, claro) Tragédia que, segundo a ONU, deve mexer com a consciência dos outros governantes. É uma barbaridade, onde vamos parar, o mundo já não tem mais conserto, disse o cara que ouvia o noticiário ao meu lado. Há razões para o horror: 60 mil vidas de crianças, jovens, mulheres, idosos, ceifadas de forma brutal tem que cutucar as consciências.

Na hora me dei conta de como a morte também tem idiossincrasias e repercute de forma diferente em nossas mentes. Algumas nos chocam, fazem chorar, humilham e outras nos deixam totalmente indiferentes. Na hora, ainda, recordei a frase do sociólogo Júlio Jacobo Waisefisz ao apresentar seu Mapa da Violência no Brasil no final de 2011: "o número de homicídios no Brasil é tão grande que fica fácil banaliza-lo." O Brasil fechou o ano de 2010 (12 meses) com 52.260 homicídios, ou seja, 27,3 mortes por 100 mil habitantes e a repercussão entre nós foi menor do que essa mortandade síria.

A partir desse número de 2010 fiz algumas contas e fiquei estarelecido, além de estar envergonhado por não ter me espantado antes: o Brasil registra seis homicídios por hora, ou seja, 144 por dia, em outras palavras, 4.320 por mês. Trocando em miúdos, nós que estamos em paz matamos 95.040 pessoas em 22 meses, enquanto a Síria, em guerra civil e usando armamento pesado matou 60 mil. Onde está a loucura maior? Onde está a maior insanidade? Onde a demência tangencia os passos das pessoas?

Na guerra da Chechênia de 94/96 que mobilizou as atenções do mundo, foram feitas 25 mil vítimas; o conflito no Iraque, por todos condenado, fez 13 mil vítimas por ano e a guerra em Angola, que se estendeu de 1975 a 2002 produziu 20.300 vítimas enquanto o Brasil, onde se vive em paz, faz, em média, 50 mil mortes por ano. Querem mais? Entre 1980 e 2010, o Brasil registrou 1 milhão e 90 mil homicídios. O Brasil é o país com maior número absoluto de assassinatos do mundo. Em números proporcionais, também ocupa as primeiras posições do ranking. A conclusão é de pesquisa revelada pela Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (ENASP), uma parceria entre o Conselho Nacional de Justiça, o Ministério da Justiça e o Conselho Nacional do Ministério Público.

De acordo com parâmetros internacionais, um país sofre violência endêmica a partir de 10 homicídios por 100 mil habitantes. No Brasil, a média é de 26 assassinatos por 100 mil. Em alguns estados, o índice chega a alarmantes 60 por 100 mil pessoas. Para Júlio Jacobo Waisefisz, a situação da violência no Brasil é a de pandemia. "A epidemia é surto eventual, a pandemia é problema estrutural e mais difícil de cuidar. A violência entre nós está incorporada".

Para quem acredita que o quadro de atrocidades não pode piorar recordo que 2010 fechou com a macabra contabilidade de 40.610 mortos no trânsito (estradas e ruas) segundo o Ministério da Saúde, algo como 3.384 mortes por mês o que, em 22 meses, totalizaria 74.448 vítimas, mais do que já produziu a guerra civil síria. Diante disso fico perplexo, pois se meu neto perguntar como um país que diz viver em paz produz três vezes mais mortes estúpidas do que um país em guerra civil não saberei responder.

Nesse contexto ocorreu de meditar com meus botões (meditar com os botões economiza em psicoterapia) e indagar: para reduzir essa mortandade insana não seria a hora do Brasil entrar em guerra civil?



Sobre a corrupção & o amor

UM – Algumas máximas do jornalista, humorista, escritor Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto para os íntimos), que fez história nos anos de 1960, continuam sendo de uma atualidade atroz, mostrando que algumas atitudes não mudam entre nós. Entra ano, sai ano, a modorra permanece firme. Atendem para esta observação cinquentenária: “A prosperidade de alguns homens públicos no Brasil é uma prova evidente de que eles vêm lutando pelo progresso do nosso subdesenvolvimento”. Ele falou “alguns” homens, ou seja, Stanislaw assim como as pessoas sensatas, sabia que a maioria de quem atua na política ainda mantém postura. E a impunidade vigente incomodava Ponte Preta.

Mas, essa mania de meter a mão no dinheiro público é mais antiga. Segundo a historiadora e pesquisadora Denise Moura da UNESP, a prática chegou dentro das caravelas Santa Maria, Nina e Pinta que aportaram aqui em 1500. “No Brasil colônia, assim como hoje, a corrupção permeava diversos níveis do funcionalismo público. Na época, atingia desde o governador, passando por ouvidores, tabeliães e oficiais de justiça, chegando até o funcionário mais baixo da Câmara, que era uma espécie de fiscal de assuntos cotidiano”. E a impunidade foi só alastrando o costume.

Nesse contexto surgiu, de repente, como monstro dos filmes de suspense, o Supremo Tribunal Federal julgando o Mensalão. Algo atípico que quebra a rotina e passa funcionar como se fosse a pequenina luz de esperança que aparece no final do túnel. Acho que é que devemos avaliar o significado do julgamento do Mensalão pelo Supremo Tribunal Federal: a devolução da esperança de que um dia o Brasil será outro.

DOIS – Relativamente ao amor, vamos nos restringir ao que expressam grandes líderes mundiais em relação a toda a humanidade. Sim, tem gente tão grande – dá para dizer que não fazem parte do rol dos mortais comuns – que não consegue amar pouco, amar uma pessoa, por exemplo; tem que ser algo grandioso, e nada maior do que o amor pela humanidade. Esses homens grandes, que possuem admiradores em todos os recantos do Planeta e permanecem na memória de gerações, agem como os deuses: nos amam e pela nossa felicidade são capazes de tudo, mas tudo mesmo.

O profundo amor à humanidade que caracteriza o cara dessa estirpe leva, na prática, a que tenha profundo desprezo pelos indivíduos. Contraditório? Pode ser, sim, mas a prática mostra que os grandes assassinos da história da humanidade tinham esse grandioso amor por toda a humanidade, mas não suportavam os indivíduos. Principalmente o que ousavam discordar de suas opiniões.

Como interpretar o comportamento, por exemplo, de Ana Ceausescu, a Mãe da Pátria romena e seu amado marido Nicolae Ceausescu, o visionário arquiteto do futuro da nação? O que dizer do venerado e bonachão Idi Amin Dada, o paizão de Uganda?

Essa listinha macabra dos grandes “amantes” da humanidade é longa e nela está Josef Stalin, que apesar de ser responsável pelo extermínio de milhões de pessoas se comportava como pai zeloso quando a filha Svetlana usava saia muito curta; estão Mao Tse Tung, o grande timoneiro da China, Pol Pot, o irmão número um do Camboja, Kim Il-Sung, tido como o Stálin da Coreia do Norte, além de outros menos votados como Augusto Pinochet, François Duvalier...

Esse grande amor que fervia dentro de cada um desses veneráveis seres dava mostra de consumi-los e, para não explodirem precisavam extravasar. Assim, o que é a morte de alguns indivíduos para quem ama a humanidade? Efeito colateral? A verdade é que tenho medo desses caras que amam profundamente toda a humanidade!

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



O soldado que lutou pela vida

Todas as palavras do dicionário desenharão apenas um retrato 3 x 4, em preto e branco, sobre o drama que se abateu sobre o Rio Grande do Sul a partir da boate Kiss, de Santa Maria. Quando a dor é imensa, descomunal parece que a nossa dimensão de humanidade se apequena, como que evapora e por algum espaço de tempo vagamos como zumbis sem entender o que ocorre.

Numa circunstância dessas (o que emana de Santa Maria é indescritível) nos damos conta da nossa imensa fragilidade – não mais do que uma pétala de rosa macerada pelo martelo de ferro é o que somos. A dor que se instala chega para se tornar eterna e vai nos vergar a cada pequena lembrança de quem partiu. Desde que me conheço por gente nunca antes tantos choraram tanto e ao mesmo tempo aqui no Rio Grande como na segunda-feira.

A morte, quando envolta num ritual macabro como esse da boate Kiss, tem clara consciência de que ao abraçar um jovem, ao se apossar de um jovem ela consegue nos assustar muito mais, inocula em cada um dos que fica uma dose maior de horror, de perplexidade.

Ao constatar que tem pela frente abundância de vigor transbordando, de vida pulsando, de alegria contagiando a morte parece se rejubilar em dobro ao ceifar aos magotes, numa colheita farta. Faz assim porque sabe que aqueles que ficam chorando vão temê-la ainda mais, mais perplexos e horrorizados permanecerão, menos compreenderão o mundo ao redor, pois as respostas não são claras ou nunca chegam. E esse tipo de dor, todos sabemos, não tem como dividir.

Nesse quadro de terror que o mundo – sem força de expressão – presenciou um jovem carioca de 28 anos colocou sua vida para que a vida seja tida ainda como possível e viável diante desse caos. A vida precisar continuar deve ter dito o tenente de Cavalaria do Exército Leonardo Machado de Lacerda ao retornar para a boate visando salvar quem estivesse em perigo.

Leonardo estava a salvo e não precisava voltar. Mas voltou! Instinto de soldado? Instinto de bravo soldado. Instinto de quem ama a vida. Voltou porque ele era a vida pulsando, era o vigor transbordando, era a alegria contagiando, pois ele era um jovem. Por isso ele voltou para a boate, ele voltou para enfrentar a morte e vidas ele manteve. Voltou para impedir que a morte levasse também a esperança e para nos dizer que devemos buscar forças onde nada existe para superar uma hora dessas...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



A Lei Maria da Penha e a violência contra a mulher

Não poderia ser diferente, o texto sobre a violência contra a mulher publicado na semana passada aqui no Dário da Manhã repercutiu forte. Quem lida, mesmo que pouco, com a questão, sabe que o tema incomoda, desconforta, machuca. Seria melhor não ter que tratar de tal assunto? Sim, o assunto é vespeiro gigantesco, pois sutilmente a história da humanidade transcorreu, nos últimos cinco mil anos, colocando a mulher em plano secundário e não será de hora para outra que tal postura mudará. Pior do que essa questão da violência de gênero, talvez, só a pedofilia. Sobre os dois problemas, queiramos ou não, a sociedade não tem mais como enfiar a cabeça num buraco e terá que encará-los apesar dos custos altos para algumas tradições que nos abarcam.

Um aspecto em particular do texto chamou a atenção dos leitores: a Lei Maria da Penha. Esse recente instrumento jurídico que colocou o problema em patamar diferente fazendo a sociedade brasileira perceber melhor as dimensões da questão ainda tem contestações e até reparos. Para confirmar a complexidade da questão (por motivos óbvios resguardo a identidade dos autores), cito a manifestação de uma mulher e abordagem de um homem sobre a mesma lei.

(Para refrescar a memória citamos a introdução dessa lei: Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências).

A leitora diz ter achado muito interessante o tema abordado e acrescenta que “a violência psicológica é um horror também, nossa ninguém merece, essa te mina de todas as formas, tu ficas refém de coisas que você mesmo pensa ser impossível, improvável. Desejamos que um dia todos nós, homens e mulheres de bom senso, consigamos expurgar esta praga da sociedade que, penso eu, só com educação acaba”.

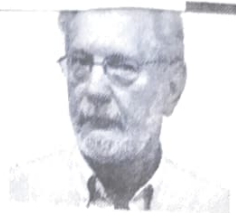
Em seu depoimento ela afirma: “E, pior de tudo, jamais pensei que pudesse acontecer isso comigo, o sentimento de posse é impressionante e desesperador para quem esta sendo ameaçada”. E tem mais, diz ela, a lei Maria da Penha “funciona no papel preciso contratar um segurança pra me proteger no dia em que ele vem buscar o filho, nossa quanta maldade e crueldade num ser humano só, isso que um dia juramos amor eterno; oh mundo cão. Desculpe o desabafo, mas te parablenizo pelo que escreveste, é bem isso mesmo. Continue batendo nesta mesma tecla”.

O leitor também diz ter gostado da abordagem, mas faz surpreendente reparo: “Penso que a Lei Maria da Penha tornou as mulheres muito arrogantes que passaram a agredir verbalmente seus maridos por se acharem todo-poderosas. Nunca se matou tantas mulheres como nos dias atuais, após a vigência dessa Lei”.

As duas observações nos levam a ampliar a reflexão sobre o tema e deixar no ar duas indagações. Vamos lá: para a leitora a lei, por si só, não é suficiente para erradicar o problema? 2) Na visão do leitor a lei estaria produzindo efeito contrário ao desejado?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



A cubana Yoani desencadeia surto convulsivo na esquerda

Para quem tem qualquer pequeno de conhecimento sobre a tirania imposta a Cuba (espécie de fazendola dos irmãos Castro incrustada no Caribe) causa estranheza o surgimento desse furacão chamado Yoani Sánchez. Lá, qualquer coisinha que cheire a liberdade assusta o governo. Mesmo assim não vou questionar a esse respeito; um dia, talvez, alguém vai esclarecer como ela ganhou tanta expressão, ganhou voz tonitruante e como passou a incomodar os tiranos de um país que tem no mínimo um dedo duro por quadra. Não é força de expressão não, o Comando de Defesa da Revolução (CDR) está estruturado por quadra sob o comando de um "chivato" (delator, espião) que se reporta ao superior imediato sempre que qualquer movimento estranho é detectado.

Estaria rachando, finalmente, o aparato repressivo imposto na ilha? Deixo essa questão para outra oportunidade. O que importa, neste momento, é ressaltar o estrago que a moça de aparência frágil está fazendo naquilo que se intitula de esquerda brasileira. Alguém se lembra de algo parecido? Fico imaginando o que passa na cabeça de quem sai às ruas para impedir que uma pessoa que vive sob uma ditadura se expresse. Que mal a moça pode fazer para a decadente tirania cubana. E para nós?

Sem querer ofender que importunou a moça, afinal os camaradinhos também todo o direito de se manifestar, mas, pergunto: esses caras não precisavam de um divã urgente para colocar suas ideias no lugar? Ou, para não ser tão drástico, talvez uma avaliação neurológica! Profissionais de alto gabarito nós temos aqui em Passo Fundo, se for o caso.

Ao assistir as manifestações contra a moça (só possível numa democracia, o que quer dizer que tais manifestantes seriam presos em Cuba) me pareceu que teria sido de bom alvitre chamar o Serviço de Atendimento Médico de Urgência. Esses caras, definitivamente, não rezam. Ao vê-los berrando me veio à memória o caso de um cidadão que teve um ataque convulsivo em plena via pública.

A convulsão, diz o dicionário, "é um fenômeno eletrofisiológico anormal temporário que ocorre no cérebro (descarga bioenergética) e que resulta numa sincronização anormal da atividade eléctrica neuronal. Estas alterações podem refletir-se ao nível da tonicidade corporal (gerando contrações involuntárias da musculatura, como movimentos desordenados, ou outras reações anormais como desvio dos olhos e tremores), alterações do estado mental, ou outros sintomas psíquicos". Entenderam? Eu não entendi absolutamente nada, mas tenho certeza que foi isso que aconteceu com a parte da esquerda brasileira que esteve mobilizada para tirar o prazer de Yoani Sánchez curtir com tranquilidade sua primeira viagem ao exterior.

Insisto: que leva um cidadão que se diz democrata a sair às ruas para impedir que uma pessoa frágil, desarmada, pacífica, simpática, sorridente diga o que pensa?

A presença do lúcido senador Eduardo Suplicy brigando com seus próprios militantes, colocou um pouco de sanidade num dos tristes episódios.

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



A cultura do paizão

A morte de Hugo Chaves recoloca em pauta a cultura do líder paizão, algo que não é exclusividade destas bandas do mundo, mas que caracteriza de modo especial os governantes dos povos latino-americanos – a começar pelo México, passando pela América Central e o Caribe até chegar à Argentina (obviamente com escala no Brasil).

Deixo de lado, propositalmente, termos como caudilho e populista, por exemplo, com os quais poderia referir-me ao ex-presidente da Venezuela para evitar a armadilha do blá-blá-blá de ter que definir quem é (foi) de esquerda ou é (foi) de direita. Creio que falar paizão define com clareza maior um estilo de governo cuja maior obra foi a formação de uma nano cidadania entre as populações do território citado. Esse é o traço mais comum entre todos os governantes desta parte do globo, o que impede a edificação de Nações realmente poderosas, deixando-nos ao sabor do aventureiro que assumirá o próximo plantão.

O fazendeiro Getúlio Vargas, um ditador que é tido pai dos pobres entre nós foi um dirigente de esquerda ou de direita? Fulgêncio Batista, que ficou quase 20 anos no poder em Cuba e os irmãos Castro, que vão ficar mais de 60 anos comandando a Ilha, são de esquerda ou de direita? A pergunta poderia ser repetida em torno de Juan Domingos Peron, que tirou a Argentina da porta do primeiro mundo para colocá-la nessa situação que nem um tango lamurioso a define hoje com alguma clareza. Ou em torno do venezuelano Juan Vicente Gomez, do equatoriano José Velasco Ibarra, do mexicano Porfirio Dias. Acho isso fantástico: fica difícil de afirmar o que é (foi) de direita e o que é (foi) de esquerda quando se trata desses cavalheiros que, geralmente em tom messiânico, agarram o comando de seus países e lá se instalam, como mala e cuia, como se em suas fazendolas estivessem.

O paizão assume o poder (às vezes na marra, outras vezes em eleições diretas nem sempre totalmente limpas) e governa com mais ou menos mão de ferro enquanto pode, dando tudo aos bajuladores e amigos e pão mofado e água (muitas vezes também cassetetes) aos adversários, sempre tido como inimigos do povo. Aliás, o paizão tem essa indefectível capacidade de arrumar um poderoso inimigo interno do povo e um arrogante inimigo externo desse mesmo povo. Isso de arrumar inimigo feroz do povo funciona que é uma beleza: as tais das elites, internamente e, em regra, o imperialismo, externamente tem sido de eficiência impar. Nós, os babacas, vamos às ruas com facilidade berrar contras as elites e contra o imperialismo, enquanto o paizão usufrui todas as delícias do poder. E quando o paizão não consegue fazer mais é porque nós, os babacas, não estamos sendo eficientes contra os inimigos (internos e externos).

E, como parte de uma receita única, o paizão procura evitar, de todas as formas, que a população passe de um aglomerado tangido como gado obediente à sua vontade para se tornar uma Nação forte, consciente, capaz de contribuir de modo consistente para o futuro da Pátria. Esse é o traço mais forte entre todos os governantes desse gênero nesta parte (e em outras partes) do Planeta. O paizão é o porto seguro, é o grande condutor do povo (e como nossa indolência adora isso!) e quando ele morre – como foi o caso de todos os citados – deixa o vácuo, deixa a massa informe na orfandade e uma ausência de rumo seguro como herança trágica.

Afinal, o que é o peronismo? E o getulismo, o que realmente significa? O que é o chavismo?

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Tango, Messi e Francisco

Andei chuleando a Argentina um pouco mais de perto depois que o cardeal Jorge Mario Bergoglio se tornou o Papa Francisco, o que, lógico, aumentará a autoestima do povão que mora ao lado do Rio Grande do Sul. Obviamente, nada de estudo profundo, só aquele olhar mais atencioso para melhor entender algumas reações dos vizinhos.

Com a pendenga de alguns acharem Maradona superior a Pelé, por exemplo, coisa que a grande imprensa dos dois países faz questão de alimentar, podemos perder a objetividade e por isso a chuleada arguta. (Em tempo: essa discussão a gente ganhava fácil, fácil até surgir esse fenômeno chamado Messi; claro, claro, temos o Penta, mas no futuro quem será lembrado como o maior de todos nos futebol? Fica, para outra vez a pendenga do automobilismo: Juan Manoel Fangio ou Ayrton Senna?) Sobre pólo, rugby, hockey, tênis não falo; nem que eles já tinham metrô no início do século passado.

Tenho a impressão de que a visão sobre a Argentina é de uma tonalidade para quem é do Sul (sujeito a influências recíprocas) e, outra, bem diferente, para quem está mais longe, ao Norte e Nordeste. No meu caso de menino dos campos de barba de bode da Palmeira das Missões-RS, por exemplo, primeiro apreciei o tango (vinha pelas ondas da Rádio Belgrano, de Buenos Aires) e só muito depois, bem depois, o samba. Assim, quando afirmo, que gosto mais de tango (ritmo que se tornou universal) do que de samba, tem gente que não compreende a preferência e duvida da minha brasilidade. (Outro em tempo: não importa se foi um uruguaio que inventou o ritmo ou se Gardel era francês, como provocam, o tango está ligado ao argentino como a cachaça ao Brasil).

Com cerca de 38 milhões de habitantes a Argentina é um dos mais belos países do mundo (para sorte da nossa economia praia não é o forte dela); entre suas incontáveis belezas de Norte a Sul estão as Cataratas do Iguaçu (eles dizem que o lado deles é mais deslumbrante do que o nosso) e os glaciares de Perito Moreno. Além de ter uma das populações mais cultas (ou tinha, eis que governo eficiente não é tradição) do Planeta. Para a gente não se enredar em relações cansativas, lembrar que o país tem um prêmio Nobel de Química, dois Nobel de Medicina e dois Nobel da Paz ilustra bem tal questão e não precisamos lembrar Borges, Cortázar, Sábato, Quino, Mercedes...

Em meio a um território infestado de belezas naturais imponentes - da pampa à Patagônica e os Andes - (ou construídas como é a capital) os argentinos têm tradição impar e se orgulham bastante da sua produção de carne de gado, carne de ovelha, da lã, do vinho que compete com os melhores do mundo, da maçã (acho que as nossas já passaram as deles), do trigo para panificação que corre o mundo (um dia a gente chega lá), do "alfajor"... Em síntese: o argentino tem café no bule (ou mate) para ter um papa!

Para finalizar minhas pinceladas sobre a Argentina fantástica do Papa Francisco faço duas indagações: 1) como um país de tantas virtudes consegue ter tantos governos incompetentes e retrógrados? 2) o que leva tantos argentinos ao divã (enquanto existem 196 psicanalistas para cada 100 mil habitantes na Argentina, nos Estados Unidos a proporção é de 27 para cada 100 mil pessoas)? Freud responderá? Ou o tango?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Lula (e a esquerda?) é das “elites”?

A chamada grande imprensa fez a farra com uma singela informação: “quase metade das viagens que Lula fez ao exterior após sair da Presidência da República, foi bancada por grandes empreiteiras”.

Sim, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem viajado muito pelo mundo. Viajar é o sonho de consumo de muita gente e Lula não faz nada de errado quando voa – ele voou à exaustão quando no governo e agora não consegue parar. Quem pode, pode, quem não pode se sacode, pois que viajar a toda hora não é para qualquer um, exige grana grossa. E, por isso mesmo, o ex-presidente aceita “colaboração” de algumas das mais ricas empresas (ao menos com ele fazem distribuição de renda).

Lula não comete nenhuma irregularidade, nenhuma ilegalidade quando viaja por conta do dinheiro que sai do caixa das grandes empreiteiras do país como a OAS, a Camargo, a Odebrecht. Até porque no grande líder do povo brasileiro (e isso é inegável) vai tratar dos interesses dessas corporações em diferentes países de diferentes continentes. Quer dizer: ele recebe por relevantes serviços prestados. E quando uma empresa grandona dessas faz um baita negócio lá fora significa que o Brasil também sai ganhando. O que há de pecaminoso na estratégia de fortalecer nossas multinacionais? Quem vai saber?

Lula andou, entre outros países, por Moçambique, Angola, Costa Rica, Bolívia, Venezuela, Panamá, com grana das empreiteiras e nesses locais todas elas ganharam contratos de vários milhões de dólares. E, aí?

Mesmo que as empresas neguem que Lula trate de interesses empresariais a cada viagem dessas, volumosos contratos para grandes obras foram obtidos, nos diversos países visitados pelo nosso grande líder. Em nota à imprensa a Odebrecht disse que pagou Lula para “ministrar palestra a empresários, investidores, líderes políticos e formadores de opinião.” Pois é, as “vibrantes palestras” renderam, entre outros, contrato de um bilhão de dólares por ano à Odebrecht em Angola. O Instituto Lula, também disse que o ex-presidente viaja para coooperar para com o desenvolvimento da África e América Latina. Isso é bonito

Esse blá, blá, blá de explicações é conversa fajuta, Lula faz o que bem entende e as empreiteiras também. Ou não? O que está posto para análise é outra história: a guerra contra “as elites”, essas elites que fizeram e ainda fazem todos os nossos males, segundo sempre insistiu (e ainda insiste) o ex-presidente. Vejam, as empreiteiras (talvez não exista nada mais representativo das nossas “elites” do que elas) estão entre as grandes financiadoras das eleições, inclusive do próprio Lula. A OAS Ltda, para citar apenas um exemplo, doou um milhão de reais para a campanha do atual prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. Claro, tudo legal, dentro da lei, mas perfeito para demonstrar que o tal discurso “contra as elites” é feito apenas para enganar bobo. Ou não?

É uma situação estranha, para não dizer esdruxula – ainda mais para Lula que se encarregou de desmoralizar com Lech Walesa, o líder operário polonês, por muito menos – essa mudança de atitude, passando de feroz inimigo das elites para dócil office boy dessas mesmas elites. O mais espetacular de tudo é que Lula acabou dando razão ao maquiavélico general Golbery do Couto Silva que sempre imaginou uma esquerda que a direita gostasse...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Coréia do Norte ou a agonia da utopia que deveríamos refletir

Há duas semanas afirmei que talvez fosse hora de deixarmos de agir como o avestruz e iniciar o debate sobre o que foram (como iniciaram, como se desenvolveram e como terminaram) os governos/regimes comunistas no mundo diante da possibilidade deles chegarem ao poder no Brasil. Falei isso diante do desempenho do PC do B na TV em horário de propaganda partidária. Agora a manifestação do partindo se solidarizando com a Coréia do Norte (na crise em que até a China, maior aliada do país, se posicionou ao lado dos "imperialistas") reforça a tese de que pode ser oportuno revisar as ideologias que conduziram a humanidade nos últimos cem anos.

A prática mostra que as nações somente se dão conta de que entraram numa fria tarde demais. As massas facilmente são tangidas como tropa de gado e quando acordam o pior foi feito, o preço para o retorno à civilização é altíssimo e passa para as gerações seguintes. Assim, questionar o que foi feito no passado por parte de quem está no jogo democrático é salutar e faz parte do processo. Saber por que alguns ainda insistem numa utopia agoniza poderá fazer a diferença para evitar o caos.

Contemplar as atuais estripulias da Coréia do Norte, por exemplo (que em pleno século 21 mantém doentios campos de concentração que se fizeram marca registrada no nazismo), é mergulhar nessa agonia da utopia que moveu século vinte. Tal utopia, todos sabem, foi a alternativa ao capitalismo chamada de comunismo que moveu e pintou com vermelho do sangue de mais de 100 milhões de pessoas esse que foi o período mais perverso da modernidade.

O que restou disso tudo foi Cuba, que agoniza vivendo de esmola de alguns e, entre outras excrescências, a Coréia do Norte. Para sobreviver o regime norte-coreano chantageia o mundo com armas nucleares sob a alegação de que desafia o imperialismo americano (algo que não poucos incautos acreditam) enquanto o que deseja mesmo é comida para reduzir a penúria da população.

A história dessa Coréia é incrível: na década de 1950 assumiu Kim Il Sung, que governou com mão de ferro seguindo a cartilha comunista que não comporta oposição, judiciário, liberdade, imprensa livre e que mantém prisões atulhadas de desafetos. Quando Kim morreu o trono foi para o filho Kim Jong Il, que governou o país como propriedade familiar. Com sua morte assumiu o trono o neto Kim Jong-un (obviamente mantendo o padrão de mão de ferro do avô, que a fruta não cai longe do pé). Tudo num processo sucessório que lembra a aristocracia europeia medieval. Quem entende isso?

Nestes tempos de democracia sólida no Brasil ninguém vai ser tolo de encarar a sugestão de avaliar a performance do movimento comunista como caça às bruxas, algo típico lá dos anos de chumbo, com o que não precisamos temer qualquer patrulhamento (até porque vários países, além dos comunistas franceses, fizeram a reflexão). Num tempo onde só o que restou em vivo foi que mais odiávamos na juventude, buscar nova utopia sem cometer os mesmos erros fará a diferença entre sanidade e loucura.

Sei que todos, especialmente os jovens, se lixam para conselho (diz o ditado que se fosse algo bom os conselhos seriam vendidos), mas saber o que realmente pensa um partido comunista no século 21 pode ser a salvação da lavoura. Tudo será estatizado? A imprensa será livre? Existirá parlamento e judiciários livres e independentes? Outros partidos poderão existir? As eleições serão livres e haverá alternância no poder? Quem começa a responder essas indagações? Este espaço já está à disposição dos interessados!



A Dama de Ferro e nossas ilusões

A morte de Margaret Thatcher, uma das maiores expressões da política mundial do século passado, definida como Dama de Ferro por jornal russo e primeira-ministra da Inglaterra por 11 anos (1979-1990), recolocou em pauta o eterno debate: como superar as distorções econômicas que colocam milhões na penúria? Odiada pelas esquerdas de todos os matizes é apontada como salvadora da economia que comandou sem firulas fazendo justamente o contrário do que executam as republiquetas populistas.

E o mais interessante neste recente debate é que a senhora Thatcher, tida como de extrema direita é desaforada, até tripudiada, por aqueles que nunca conseguiram alcançar um mínimo de sucesso econômico com suas teses, suas receitas: a esquerda. Alguém conhece alguma economia de esquerda que está dando certou ou que deu certo?

Se há setor onde as ideias não evoluem é esse, ficamos como cachorro querendo morder o próprio rabo, sai geração, entra geração, e a lengalenga não muda. E a praga subjacente nesse debate é que o discurso de esquerda fala aos corações e o da direita para a razão. E a razão, como a natureza, não tem piedade. Assim, o cara de esquerda é de bom coração, é solidário, quer o bem comum e o de direita é malvado, individualista, bandidaço; não importa se o cidadão de esquerda passe vida no leguleio ideológico que busca reparar o que os outros possuem, e o de direita levante mais cedo, trabalhe além da hora, empregue gente, faça inovações.

Guardadas as proporções é nessa esquizofrenia que nos jogou a intelectualidade que patina na areia movediça tendo certeza sobre o que não é bom, mas nunca definindo o caminho para superar as mazelas que produzem dores. Não é por nada que a esquerda (a história mostra à exaustão) se forme mesmo onde há abundância. Nessa linha quem contesta Ricardo Setti: "Se fizessem pequena pesquisa histórica, descobririam que, no Ocidente, os partidos de esquerda crescem mesmo é nos momentos de bonança econômica, quando o capitalismo produz excedentes econômicos bastantes para sustentar a imensa turma de socialistas e assemelhados que invariavelmente ganham a vida sem trabalhar. Foi assim nos Estados Unidos."

Mais fica esse papo repetitivo e complexo escorado na passagem da Bíblia que diz que é mais fácil o camelo passar pelo buraco da agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Embora, quando no exercício do poder, os esquerdistas (é regra universal) sigam tudo o que condenaram e fiquem milionários (a começar pelo Brasil).

Passamos o século vinte nesse dilema e, como ficou claro na morte da Senhora Thatcher, passaremos outro século sem que alguém traga luz para a formulação da tão sonhada terceira via. Afinal, por que estaríamos condenados a optar entre o comunismo-socialismo e o capitalismo? Não estamos, mas há essa impossibilidade de formular opção consequente ao que funciona minimamente porque nos falta serenidade para debate sereno. Reinaldo Arenas, o grande escritor cubano perseguido pelo regime de Fidel Castro e seus asseclas e expulso da Ilha por ser homossexual dizia que a diferença entre comunismo e o capitalismo é que no primeiro os governantes dão um chute na bunda e não toleram reclamações e no segundo recebemos o mesmo chute e podemos berrar, espernear, reclamar a vontade com pouco risco de ser fuzilado.

Ah, sim, sobre a Senhora Thatcher ter se relacionado bem com o tirano Augusto Pinochet, pouco se importando com a ditadura chilena dizem que ela fez isso apenas para fazer rusguinha com os apoiadores do tirando Fidel... seria coisa de geopolítica! Nisso não me meto, pois tanto esquerda quanto direita adoram uma ditadura...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Pobre, mas honesto

Estudo do Centro de Pesquisa Jurídica Aplicada da Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo mostrou que as pessoas com menor renda e escolaridade tendem a respeitar mais as leis. O que há de novo nisso? Divago!

Primeiro, a confirmação do dito popular: pobre, mas honesto. Quem, pobre, não usou com orgulho tal expressão? Quais as razões disso? O estudo não diz, mas arrisco palpitar: medo? Pessoas sem grana e escolaridade, em regra, se sentem mais frágeis e tendem a ser mais corretas? E são assim até começarem a encher o bolso de dinheiro?

Segundo, zomba da teoria de que a pobreza estimula a criminalidade.

Isto não significa que todo cidadão abonado é desonesto, apenas diz que dinheiro (sinônimos de poder) libera com maior intensidade o lado mais perverso dos humanos. Conheço endinheirados de extrema decência assim como pobre safado, mas isso é outro papo. Quem nasceu na roça descobre cedo que sexo, dinheiro e poder são combustíveis fortes e sem firme postura ética inculcada desde cedo o cidadão atropela quem encontra pela frente quando (ou para) conseguir encher o bolso. O dinheiro corrompe até os mais idealistas, como provou o mensalão. Ah, das tentações do demônio! Ou seriam as tentações das elites, da burguesia, tentações da direita? Que coisa, hein?

E descobre cedo que o dinheiro faz baita diferença em quase tudo. Para o bem e para o mal. E embora o lado sombrio da grana boa parte das diferenças ajudam o mundo a melhorar: por que deixar de comer picanha, comprar perfume, casa nova, ou jatinho se o cara batalhou e obteve aquele êxito que se traduz em cifrões e que em regra, segundo os economistas, gera empregos? Pobreza gera pobreza, é ou não?

Tudo foi pior, ao menos na teoria (exemplos atuais em Passo Fundo estarrecem). Apesar dessas fundas distorções e falta de mecanismos para superá-las a sociedade já não tolera com mesma subserviência que o filhinho do papai pinte e borde impunemente (os casos hoje são mais sutis, em menor número e há sempre, apesar das aparências, a possibilidade da polícia botar a mão no gajo). Aqui na cidade há até uma lista de apostas sobre até onde irá impunemente um infante terrível que tira o sono de muitos...

O que a FGV disse cientificamente apreendemos cheirando a vida. "Viu como o Pedro virou esnobe depois de ficar rico?" Quem não ouviu pergunta desse calibre? "O João ficou impossível depois que enriqueceu", quem não ouviu isso? O povo humilde se aquieta por descobrir cedo que o dinheiro move montanhas e que a justiça é cega, mas não surda ao tilintar das moedas; e aí surge a pesquisa para confirmar tudo.

Não sei não, mas será que esse estudo não aumentará o preconceito que temos em relação às pessoas cheias de grana? A maioria sabe que essa é uma regrinha básica: a gente, inveja, odeia e não gosta de rico até ficar rico. É ou não é?

O aspecto genial do estudo confirmou a dupla face (uma postura pública e outra privada) da nossa sociedade (no socialismo fala-se ketman): 99% dos entrevistados condenam quem dirige bêbado (ahahah), joga lixo em local proibido (sei!), furta itens baratos (sério?), estaciona no local proibido (sim!); 98% condenam subornar o agente para não ser multado, fumar em local proibido e fazer barulho que incomode o vizinho (legas!). Mais: 91% condenam a compra de CD/DVD pirata, mas 60% compram (é!).

E o lado perverso? Anotem: 79% responderam que "sempre que possível o brasileiro opta pelo 'jeitinho' ao invés de obedecer a lei". E isso, com a onda doentia do politicamente correto, aumentará. E crescerá o número daqueles que pouparão parte da grana mal havida para comprar um pouco de respeitabilidade quando a velhice chegar!

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Esquerda e direita, dois cadáveres insepultos na sala

Há dificuldade, inclusive entre os letrados, em precisar quando houve a morte da direita e da esquerda. Não há dia, hora e local que possam ser postos no atestado de óbito. Há quem não admita essas mortes (sempre tivemos os cétricos, nada pode ser feito a respeito), elas sempre dão boas teses de doutorado. E há quem fale em ressurreição.

O drama de hoje se relaciona com esses cadáveres famosos que a humanidade produziu e que permanecem insepultos na sala, cheirando mal, sem que – por teimosia – possam ter o merecido descanso eterno que virá pela paz que o sepulcro traz desde os primórdios. E enquanto esses cadáveres seguirem em velório nos vigiando (ironia, eles nos vigiam, ao contrário do que imaginamos), aprisionando nossa mente, imobilizando nossos músculos, dopando nosso raciocínio, nada de verdadeiramente novo pode surgir para conduzir novos sonhos, novas utopias.

Enquanto esquerda e direita permanecerem insepultos não teremos chances para novas formulações sobre o que somos, o que podemos produzir, para onde podemos ir, não saberemos usar o GPS que define rumos precisos para a humanidade ainda em volta em terríveis contradições. E continuaremos confusos, como o antropólogo de esquerda, por exemplo, estudando a influência do papel higiênico na fabricação do avião a jato e o sociólogo de direita debatendo o arame farpado como causa do aumento dos divórcios.

Assim, estamos condenados ao imobilismo pela dialética que teria movido os cadáveres que nos velam; quando a dialética decide funcionar exige o fim, o extermínio de um status para então permitir a liberação da energia que vai parir o novo. Este é o ponto de vista mais universal, diríamos, do qual não há escape.

Para ressaltar ainda mais a atual caos analisemos a questão pelo ângulo de Lewis Mumford, para quem a cidade dos mortos antecede a dos vivos. Ou seja, para que – no passado – surgisse algo dialeticamente novo na espiral que caracteriza o movimento da história foi imprescindível que os cadáveres que permaneciam insepultos, à sanha dos vermes e dos abutres famintos, fossem para o cemitério. Insepultos apodreciam, postos em sepulturas fizeram brotar as luzes da cidade que ainda nos hipnotiza.

Insistimos: enquanto esquerda e direita ficarem expostas à perplexidade pública a mente seguirá prisioneira do que ambas representaram, mesmo que o nada esteja em boa parte desse tudo. E, para desespero dos mais teimosos, cada vez mais saberemos menos sobre que realmente foram e o que deixaram de ser para definirem desse modo.

Sim, não é fácil a despedida do ente querido; o que está em nossa mente é, não amiúde, mais poderoso do que o espinho que faz o dedão latejar. O próprio Mumford recorda, que "o respeito do homem antigo pelos mortos, em si mesmo uma expressão de fascínio pelas suas poderosas imagens em vigília e de sonho noturno, teve papel maior ainda do que as necessidades mais práticas". Eis o brete: mesmo com tudo o que cremos ter evoluído não cortamos todo o cordão umbilical com nossos ancestrais nômades.

Apesar de estarmos no terceiro milênio, onde o conhecimento se alastra com a velocidade de água morro abaixo e fogo empurrado pelo vento fresco na coxilha mansa, onde ciência e tecnologia não encontram barreiras, permanecemos chorando dois entes que morreram de morte natural (ou seria de inanição?). E, ao contrário de outros mortos importantes sobre os quais sabemos definir o que foram e o que fizeram, sobre esquerda e direita há toda essa dificuldade, inclusive na academia, de uma definição mais clara. Hoje o modo mais rápido de estourar papo de bar, aula na academia, de modo particular se for de história, é indagar quem sabe o que é ser de direita e o que é ser de esquerda?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

A meiguice de Maduro & a safadeza no leite das crianças

UM – O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, visita o Brasil e rouba a cena ao entregar à presidente Dilma Rousseff um retrato do morto Hugo Chávez.

Quanta meiguice, que presidente sensível, exemplo de ser humano que não deixa o poder endurecer seu coração. Achei esse gesto muito fofo! Quem se lembra de algo parecido? Finalmente algo novo e leve nesta sofrida América Latina.

Salutar essa atitude; nada de desfilar para soldados perfilados sob sol escaldante ou chuva torrencial, nada de colocar flores no tumulto do soldado desconhecido, nada de hastear bandeiras, ouvir hinos, cerimônias extremamente duras entre governantes que se visitam e que parecem ter perdido a candura quando chegam ao poder.

Relatam que Maduro levou dias para tomar providências em torno do presente que, com certeza, ficará na história. Muita eletricidade inundou salas e corredores do Palácio Miraflores, em Caracas, enquanto as tratativas se desdobravam. Primeiro foram as noites mal dormidas até chegar ao retrato que pudesse traduzir tudo o que Chávez foi. O que ele foi mesmo? A seguir o estresse pela dificuldade da escolha de moldura que fizesse jus ao insigne bolivariano e, por último, o tamanho da peça. Contam, também, que assessores que participaram da maratona de ações para a definição do retrato a ser entregue no Brasil chegaram fazer xixi na cama, tal o grau de ansiedade com o projeto.

Dizem, ainda (obviamente as más línguas, claro, pois a inveja mata) que Maduro veio preparado para enfrentar os repórteres impertinentes que sempre o criticam, principalmente se falassem no fato dele estar endurecendo o jogo com a oposição. Caso algum abelhudo perguntasse sobre isso ele diria, mostrando ao quadro, a famosa frase do Ernesto Che Guevara: “é preciso endurecer, mas sem jamais perder a ternura”.

Bem, agora um pouco de brincadeira: 1) será que a capacidade de transitar pelo ridículo não tem limites entre os governantes da América latina? 2) Aonde a presidente vai colocar essa retrato de Chávez? Já pensaram nisso? Não colocar o quadro com a cara do maior líder bolivariano de toda a Venezuela em local nobre se constituirá num tremenda ofensa ao povo dessa Nação irmã! E colocar em algum local será pagar mico! Que saia justa...

DOIS – O pavoroso escândalo envolvendo transportadores gaúchos de leite faz estrago maior do que tsunami. Nenhuma novidade, lógico, esse tipo de notícia engorda nossa mídia. Entretanto a calhordice teve a capacidade de, outra vez, dar um puxão de orelhas coletivo ao exigir que façamos reflexão em nossa postura do discurso fácil transparecendo que somente os políticos são corruptos. Bem, é um começo, caiu a nossa máscara nós, gaúchos e brasileiros, não somos flor que se cheire; talvez a gente acorde!

O episódio também deixou muita gente assustada e impotente. Em quem vamos confiar? O que vamos consumir? Quem não ouviu as duas perguntas nos últimos dias?

A safadeza com o leite das crianças comprova que por dinheiro somos capazes de qualquer coisa e que em algum momento perdemos o rumo – especialmente nós aqui do Rio Grande – tão cílios que sempre fomos em relação às nossas façanhas. Vamos lá, não vamos pousar de vestais, mas é preciso reconhecer que não há como não ficar triste, estamos indo longe de mais e a impunidade é a principal causa...



A patologia do igualitarismo

Durante o debate sobre os 10 anos de governo petista a filósofa Marilena Chauí, musa da falecida esquerda brasileira, vociferou, sob chuva de aplausos: "Eu odeio a classe média". Só Sigmund Freud explica porque a classe média presente ao encontro se odeia tanto. "A classe média é o atraso de vida", desandou a professora da USP. E reiterou: "classe média é estupidez. É o que tem de reacionário, conservador, ignorante, petulante, arrogante, terrorista". Garota eficiente em pregar o tal ódio de classes...

Nada de novo nesse ódio dos intelectuais à classe média, que na verdade vem a ser o que a antiga esquerda chamava de pequena burguesia. Céus, não havia ofensa mais virulenta do que chamar alguém de pequeno burguês. Pequena burguesia ou classe média funciona – segundo os teóricos stalinistas, maoístas, castristas, leninistas – como algodão entre os cristais, ou seja, evita o necessário choque entre o operário e o burguês (capital e trabalho) impedindo a parusia, em outras palavras, impedindo a implantação do igualitarismo (comunismo). Os anos de 1960/1970 foram pródigos em destilar esse tipo de ódio juvenil.

Podemos interpretar de vários ângulos esse ódio da filósofa (pésimo exemplo os alunos falar desse modo), mas para mim o que está embutido na frase é o sintoma de doença inerente ao igualitarismo. A ânsia por igualdade é incomensurável e as veias do pescoço engrossam no calor dos debates como provou a manifestação da filósofa. O diabo que é essa coisa de igualdade cai num igualitarismo tão tosco na boca da falecida esquerda que a patologia nele embutida vem sendo descuidada.

Partimos do princípio de que somos todos iguais, absolutamente iguais, saímos todos da mesma forma, à imagem e semelhança de Deus e, assim, qualquer observação diferenciada é pecaminosa ou reacionária, o que vem a ser a mesma coisa. O discurso da igualdade foi vital para nos levar a um patamar civilizatório que colocou a dignidade humana como valor supremo, mas tornou-se tragédia na outra ponta ao municiar quem, mecanicamente, deseja impor sistemas que funcionam só se fossemos pasteurizados.

Tal ansiedade gerou, diante de distorções na sociedade, duas palavras tiradas da cartola do mágico: socialismo e comunismo que, no século passado, foram pródigas em mobilizar homens e mulheres em todos os recantos; o banho de sangue gerado por esse igualitarismo demente ainda não é avaliado com objetividade. Mesmo porque comete pecado mortal quem ouse fazer qualquer consideração que cheire contestação ao ideal da busca dessa igualdade absoluta. O mundo passou um século empurrado pela busca dessa igualdade e só produziu atrocidades.

O que vemos hoje dando a entender que não aprendemos a lição? A mesma cantilena, a mesma baboseira e nós aqui na planície aceitamos tudo! Quem não tolera as diferenças? Principalmente gente que acorda, depois da festa noturna, e se acha ungida pelos deuses para pregar a igualdade absoluta e a prender, arrebentar, expulsar, matar quem não quiser ir para o paraíso proposto.

Até quando esse barbarismo? Uma coisa é lutar com determinação (obrigação de todos) para corrigir distorções sociais, impedir injustiças, outra bem diferente e colocar todo mundo no liquidificador como se fosse Deus refazendo sua obra...

Afinal, os regimes comunistas não funcionaram, mesmo, por quê? O sonho de uma sociedade foi pro brejo na Chica, Russa, Cuba, Camboja, Coreia por quê?

Por fim, e mudando de assunto: será que Marilena Chauí não ofendeu em demasia a presidente Dilma que se orgulha do País de classe média que vem fazendo?

Contraponto



Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Divagações sobre o ECA, o capital morto e nossa criação de elefantes

UM – Vejamos o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA: quem parou para analisar em detalhes o que produziu desde que entrou em vigor 1990? Uma voz medrosa aqui, outra cautelosa acolá, em diferentes pontos do país se arrisca a falar alguns efeitos colaterais da legislação, como a quebra a autoridade paterna, por exemplo. Eu recorde depoimentos em Aratiba e Casca nas audiências públicas para elaboração do Plano Diretor desses municípios, onde agricultores vociferavam dizendo que com o ECA os filhos passaram a chantageá-los sempre que exigiam alguma tarefa, por mais simples que fosse. Para ficar sem fazer nada a molecada ameaçava ir ao Conselho Tutelar sempre que o pai ou a mãe pedia qualquer tipo de ajuda. Levaram o ECA ao produtor rural sem dizer como agir diante de um ser humano que é só pequeno no tamanho, mas que dentro dele já está tudo o que de ruim existe em nós adultos e que vai se revelar adiante de modo tenebroso sem a existência de educação e disciplina condizentes.

PS.: O Brasil é um país que fala claramente sobre nossos direitos, o que é bom, mas, não consegue lembrar quais são os nossos deveres como cidadãos. A sensação que passa para os indivíduos é que direito é coisa para os “outros”...

DOIS – Na 5ª Conferência Municipal das Cidades o vice-Prefeito de Passo Fundo, Juliano Roso (PC do B), tocou a ferida difícil de cicatrizar: a existência de áreas urbanas irregulares há mais de 40 anos. Podemos não gostar, mas o Juliano está coberto de razão ao apontar essa como questão prioritária na reforma urbana. O problema é nacional e a busca de ações visando a regularização fundiária deve ser nova plataforma de luta. A falta de marco legal para os proprietários de terrenos urbanos e rurais está entre as principais causas da pobreza e raquitismo do capitalismo em dezenas de países em desenvolvimento diz Hernando Soto, o peruano que preside o Instituto da Liberdade e Democracia, tido pela revista The Economist como segundo mais importante centro mundial para formulação de políticas. Ele exemplifica: no Haiti, os imóveis rurais e urbanos sem escrituras (capital morto) valem juntos mais de 5 bilhões de dólares; isso é quatro vezes o valor total dos ativos de todas as empresas que legalmente operam no país e é nove vezes o valor de todos os ativos do governo. “Verdadeiras montanhas de capital morto se alinham nas ruas de todos os países em desenvolvimento”, diz Soto.

TRES – Não sei por que estranham o fato do Governo (no tempo de Lula) buscar com sofreguidão a copa do mundo e as olimpíadas. Espetáculos esportivos maiúsculos são da tradição dos ditos regimes que quiseram ser socialistas: Alemanha de Hitler, Cuba e Rússia são belos exemplos. Eles queriam dar pão e circo, mas em regra não foi possível alcançar o pão. Assim, como diria Paulo Maluf, agora o negócio é relaxar e gozar com os elefantes brancos sendo construídos. Qual o motivo de gastar um bilhão de reais no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, cuja capacidade é de 75 mil pessoas enquanto a média de público (com ingresso a um real) do campeonato local não chega a mil pessoas por jogo? Em Cuiabá gastarão mais de 600 milhões no estádio que abrigará 43.600 assistentes enquanto o campeonato mato-grossense tem média menor (partida entre REC e Cuiabá teve 22 pagantes). A Arena das Dunas no Ceará terá a capacidade para 45 mil pessoas (o campeonato estadual tem média de público pouco acima de mil) e a Arena de Manaus é apta a receber 44.310 pagantes (a média de público no campeonato é de 660 pessoas) são outras duas obras esquisitas, feitas para ralos jogos durante a copa. Que destino terão depois da copa tendo em vista que manutenção não é palavra que os governos usam em seus orçamentos já pífios?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - latasca@uol.com.br



Governo, ricos & Bolsa Família?

Peguei o papo andando, mas deu para saber que o jovem militante tem orgulho do programa Bolsa Família: nós estamos tirando o povo da miséria, disse. (Nós quem cara pálida?) Óbvio, a seguir veio o surrado discurso contra os capitalistas exploradores (50 anos depois o papo é o mesmo!). Fico feliz ao ver o cara que transita pelos escaninhos perturbadores da adolescência, submetido à tirania dos hormônios, dos demônios e dos tabus, se interessando pela política (que, num passado não distante, era definida como a arte fazer o bem comum). Porém, cabe aqui uma pergunta: a geração deste início de terceiro milênio tem o direito de ser babaca como foi parte da minha dos anos de 1960 apesar de muita coisa positiva ter sobrado da fermentação provocada?

Hoje há informações suficientes para não se cair tão facilmente nas armadilhas montadas pelos chamados intelectuais orgânicos, de saber envernizado a serviço de teses que nunca dão certo, mas que ao se transformarem em utopias arrastam jovens incautos. Só tento dizer que cair no canto da sereia pode ser mais trágico do que foi. Lá atrás, pela cegueira preguiçosa não poucos se submeteram à baboseira dos intelectuais orgânicos (isso não absolve ninguém, diga-se com todas as letras) e passaram a incensar assassinos como Stálin e Mao e admirar homofóbicos como Guevara.

Vamos por parte, como diz o esquartejador à sua vítima. Governo algum produz dinheiro, ou seja, produz riqueza. Muito menos governo dessa esquerda manca típica da América Latina e do Caribe, como o Século 20 provou. Governo só arrecada (em regra arrecada bastante) e depois só distribui (em regra distribui mal, desperdiçando horrores) a riqueza, o dinheiro produzido pelo suor e pela criatividade dos cidadãos. E não estou criticando a existência do tributo, do meu ponto de vista um marco civilizatório. Só reforço o aspecto universal: mesmo governo eficiente só faz caridade com o bolso dos outros quando diz que fez algo; e governo ineficiente gera a infelicidade geral.

(Fico pasmo como, em pleno terceiro milênios, os governantes, que deveriam ser somente funcionários públicos a serviço da sociedade, acabam nos tratando como gado ao se postarem como salvadores da Pátria – e ninguém escapa, basta ver as bobagens que o “direitista” Obama passou a fazer).

Quanto ao Bolsa Família (pode ser Pro-Uni, ou SUS, ou Plano Safra ou qualquer iniciativa que envolva dinheiro dos impostos), programa de méritos (nada justifica morrer de fome hoje em dia) embora efeitos colaterais indesejáveis, é preciso recordar que ele começou (com outros nomes) com Cristovam Buarque e Fernando Henrique Cardoso. Não poucos dizem que a primeira dama Ruth Cardoso teve papel especial na consolidação desse processo de transferência de renda (quem lembra de algo produtivo em favor da sociedade feito pela primeira dama que a sucedeu?) sob duras críticas de uma ala da chamada esquerda que está no poder – inclusive críticas dura do Lula.

Por ultimo, a mais terrível realidade para quem odeia as “elites” (as “elites” são esses capitalistas exploradores?): são as nossas “elites” que garantem toda a grana que o governo destina ao Bolsa Família. Somente quem gera montanhas de imposto, ou seja, os grandes, os que possuem esses grandes empreendimentos econômicos (as pequenas empresas são quase isentas) banca o Bolsa. No popular, são os capitalistas exploradores (como se dizia na colônia italiana da infância e foi repetido pelo jovem militante), que fazem chegar a grana do Bolsa Família que beneficia milhões de brasileiros... Puxa, que chato, isso, né?



Homossexualidade & coisas da vida

A questão da homossexualidade está em pauta de modo intenso.

Nada a estranhar se levarmos em conta que a sexualidade em geral entrou no rol das preocupações dos indivíduos há mais de dez mil anos (ao surgir a propriedade privada da terra com a revolução agrícola nasce o costume de estabelecer claramente a paternidade dos filhos, o que muda radicalmente o modo de homens e mulheres se relacionarem sexualmente: o homem seguiu solto e na mulher foram postos freios). Desde então, com maior ou menor grau de intensidade, aspectos ligados ao sexo – homossexualidade, virgindade, masturbação, poligamia, etc. – sempre foram motivos de acirradas discussões, violentas campanhas e esfarrapadas desculpas para atrocidades.

Nada é pacífico quando se trata de sexo. O que é tido como normal num lugar é demonizado em outro e, adiante, o mesmo procedimento pode até ser santificado. Sobre homossexualidade, então, a coisa é mais complicada. Quando falamos de sexo entramos na seara mais complexa da humanidade. Primeiro, porque um mundo em movimento produz carradas de mudanças constantes para as quais as pessoas se posicionam de modo diferente ao recebê-las e sexo não está fora disso. Segundo, como relata o historiador Peter N. Stearns, porque “religião e sexualidade sempre estiveram intimamente relacionadas. Muitas das primeiras sociedades humanas equiparavam experiência sexual e religiosa”.

Mais: Platão, por exemplo, citado por Stearns, “defendia ser mais provável que o amor sério surgisse entre dois homens, um mais velho e um mais jovem, e não entre homem e mulher, porque era modalidade que podia envolver um mistura de sexo e interessante conversação intelectual”. Platão foi duríssimo com as mulheres! Por sua vez, Fidel Castro, esse tirano que tomou conta da Ilha de Cuba defendia com todas as letras que “um homossexual não podia ser um revolucionário”. Junto com Guevara ele até criou locais de confinamento para eles. Em Havana os cubanos cochichavam (não conheço muito do mundo, mas acho que essa é a cidade onde mais se cochicha) que Fidel fica possesso com quem insinuar que o irmão Raul se esconde num armário.

Além de estar em pauta a homossexualidade desperta estranhas paixões. É raro encontrar interlocutor que consiga falar com serenidade. Mas eu tenho me perguntado, sem obter resposta consistente: “por que é de meu interesse querer determinar o que outra pessoa faz com seu corpo quando se trata de sexo?” Ou, ainda: “por que fico abalado com o que outra pessoa deseja fazer, sexualmente, com seu corpo?” Ou ainda: “quem sou eu para impor regras aos outros sobre como devem utilizar seu corpo?”

E faço a pergunta por singelas razões. Tenho a impressão, por exemplo, que toleramos muito mais a existência da violência de gênero do que o fato de um homem se relacionar sexualmente com outro, ou uma mulher se relacionar sexualmente com outra mulher. Ainda mais tenebroso: não temos usado o mesmo tom para romper com o complacente silêncio que faz pedofilia uma fábrica de eterno sofrimento.

Poderia citar outras chagas entre nós para as quais não nos revoltamos com a mesma intensidade como o índice de homicídios, mas fico com essas duas chagas por serem as que mais prolongam o sofrimento das pessoas. Tem mais, a forma como colocam Deus nessa discussão faz Dele um ser perverso, o que contraria a totalidade dos ensinamentos, sejam eles sobre Javé, Alá ou Tupã! Os autodenominados porta-vozes de Deus deveriam modular melhor suas manifestações nessa questão.



Pitacos para quem esteve na rua

Foi bonito de se ver: o monstro rugiu! (o ex-presidente Juscelino Kubitschek chamava a opinião pública de monstro). Mais de um milhão de brasileiros extravasaram a indignação; o Brasil tremeu por nova tecnologia que esteve a serviço da democracia. Por dever de ofício dei pitacos para o cara que esteve na rua. Você é dono do seu nariz – eu disse – por isso não receba o que expresso agora como lição de moral.

Claro, dei meus parabéns por sair do comodismo. Há momento que é necessário mais do que choramingar e a população gritou: basta. Partidos e governos acusaram o golpe e ainda não digeriram o fato (ainda bem que não podem dizer “nunca antes neste país”). Eu cutuquei o cara: você parece feliz, parece que vive a sensação do dever cumprido. Ele sorriu todo faceiro, concordando.

Aí recordei: não estou aqui para tirar teu mérito, mas se você saiu às ruas hoje tranquilo é por que no passado alguém arriscou muito, durante a ditadura, para o direito de se manifestar chegasse aonde chegou. Então, assim: você está apenas cumprindo com a obrigação que cabe à atual geração, o que só aumenta o mérito dessa ação que fez o Brasil (o monstro?) acordar. Porém, abra o olho: tem muito safado que ontem segurou o cassete da ditadura que agora posa de democrata ferrenho (saber identificá-lo faz parte da tarefa de hora em diante).

Na rua vai ter de tudo, e você não pode ser babaca e desconhecer que o adepto do quanto pior melhor estará ao seu lado; vandalismo é um veneno, é contra tudo o que você deseja eu disse ao manifestante e ele concordou comigo.

E afirmei: você está fazendo a história (ele ficou faceiro) e logo, logo chegara ao poder, por isso não pode ser ingênuo quanto o foi parte dos que saíram às ruas no passado. Veja: não há almoço grátis alguém sempre precisa pagar se acostume, nada cai do céu. Não é porque você adora alface que alguém vai plantar de graça para satisfazer sua vontade. Sacou? Não fique achando que tem direito a almoço grátis sempre”.

Outro cuidado: você decorou rapidinho o que diz o capítulo dos “meus direitos” (isso é bom), entretanto é fundamental que ler também o capítulo dos “meus deveres”. Você notou que neste Brasil a gente só houve gritos pelos direitos? É terrível, cara, mas se a gente não começar a pensar nos deveres a encrenca vai ser maior logo adiante,

Mais: como você estará no poder amanhã, precisa se preparar melhor. Você tem grande volume de informação em mãos com o que precisa estudar um pouco mais para que não encampe utopias carcomidas pelos cupins, não entre no jogo do discurso enferrujado e de propostas compradas em liquidações de ponta de estoque. Por isso, tem que estudar bastante – chega de analfabeto governar – para raciocinar com objetividade, sem o cacoete de ficar rotulando as coisas para esconder a ignorância e iludir os mais ignorantes. Mais ainda, essa máquina de fazer rótulos de “esquerda” e “direita” ficou obsoleta e foi para o ferro velho (ali não está servindo para nada).

Eu compreendo tua aflição com a situação em vigor, principalmente com essa roubalheira que parece não ter fim e com a impunidade que vigora, mas sem partido político a meleca será pior. Sem partido você nem vai conseguir sair às ruas, pois não inventaram como manter a sociedade coesa, com um mínimo de segurança, sem voto, sem parlamento e isso se alcança através dos partidos...

Também sei que você está descontente com boa parte da imprensa, mas cuidado com os caras que falam em “democratizar” a imprensa. A prática mostra que isso acaba sendo censura prévia e é fel no mel.



A rua inquieta assusta e sacode...

O que para a história da humanidade é nada para a pessoa o curto lapso de tempo entre uma geração e outra se constitui um ciclo. Ciclo poderoso cheio de dor e alegrias. Temos a sensação de que após o intervalo de quinze minutos de uma partida de futebol voltamos para o segundo tempo. É isso que parece estar ocorrendo no Brasil de hoje.

Então, hoje, como ontem, a rua está falando. Deixou de resmungar.

Hoje, como ontem, a rua vocifera, canta, impõe, propõe, exige, assusta, semeia esperança, devolve otimismo e ninguém sabe onde isso terminará. Na rua caminham lado a lado também a sanidade e a insanidade; Deus e o diabo! E não há o que se possa fazer para impedir tal processo, ele irá até onde as forças (caóticas) internas do movimento o levar.

Vamos reiterar: hoje, como ontem, a rua não tem total clareza do que faz, mas entende ser essencial fazer o que está fazendo. E faz, como fez antes, por crer em algo. Esse o é ponto: não sabe bem o que, mas precisa fazer algo, como está não dá mais. Reflita: você não tem o mensalão atravessado na sua garganta? Você não tem a impunidade rindo da sua honestidade? E daí? Daí que a impotência – atente para este detalhe – a impotência gerou a força motriz para botar o bloco na rua.

Hoje, como ontem, um ponto está claro (é da obviedade desses ciclos): quem está na rua hoje vai estar no poder amanhã. E aqui, precisamos estar bem atentos: gritar é fácil, concretizar o que se deseja é muito difícil.

A rua de 2013 está encerrando o ciclo da rua de 1960/1970 com um altera total: quem esteve na rua ontem e chegou ao poder hoje foi incompetente. Aquela esquerda das ruas do passado teve tudo (inclusive apoio incondicional da população) para fazer o Brasil novo e falhou rotundamente. Quem souber de alguma coisa profunda, inovadora, duradoura, eficiente, original, revolucionária realizada por essa esquerda envie carta à redação para acender uma luz para quem está na rua hoje.

Este é o receio: quando a rua de hoje chegar ao poder amanhã é vai repetir essa sina de incompetência? Entre os inúmeros fatores que alimenta tal receio está a indigência intelectual que permeia parcela expressiva da universidade brasileira ainda incensando psicopatas assassinos como Stálin, por exemplo.

O espetacular, porém, nesse novo ciclo de manifestações, foi o susto que a rua deu nas pessoas poderosas. Alguns dos mais arrogantes donos do poder foram ao ponto de curarem a surdez sem precisar de médico do exterior. Como vara verde Executivo, Legislativo e Judiciário tremeram, dando total e absoluta razão para quem foi às ruas.

A meninada que saiu às ruas contra o preço da passagem no transporte urbano (depois incorporou novas pautas na caminhada) está sacudindo o Brasil com inusitada rapidez. A reforma política, cinicamente empurrada com a barriga por todos os partidos foi desencadeada com aparência de espantosa naturalidade; o letárgico, folclórico, submisso e ineficiente Legislativo aprovou num repente a tal da PEC 37 (que a maioria ainda não sabe do que se trata) que iria receber a benção dos legisladores sem o berro da rua e o moroso Judiciário, depois de meia eternidade coloca deputado safado na cadeia.

Geraldo Vandré cantaria na rua, numa hora dessas: quem sabe faz a hora não espera acontecer. Tem sentido tudo isso?

PS: Quer dizer que os médicos são os responsáveis pelo caos na nossa saúde?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



O povo cubano & Paulo Freire

No interessante trabalho acadêmico "Políticas de Educação Indígena: da tutela à emancipação" o professor Telmo Marcon, da Universidade de Passo Fundo, cita Paulo Freire. Socorrendo-se de trechos do livro "Pedagogia do Oprimido" de Freire ele diz das dificuldades inerentes à questão emancipatória de uma população oprimida.

Ao ler as citações de Freire, lembrei-me de Cuba que voltou à baila por causa da defesa que intelectuais tidos como democratas fazem da ditadura dos irmãos Castro. Vivemos um circo de horrores: o mesmo sujeito que exige ação enérgica da Comissão da Verdade relativamente aos acontecimentos ocorridos na ditadura de 1964 venera o regime tirânico da Ilha. Pode tanto cinismo?

Sem imprensa livre (o modelo cubano de controle dos veículos de comunicação a finada esquerda quer implantar aqui), com partido único, sem parlamento e judiciário independentes, sem direito de livre associação e com um dos mais eficientes aparatos de opressão e lavagem cerebral os Castro criaram uma nano cidadania.

Sob comando pétreo do Partido Comunista (que leva o princípio do centralismo democrático – ou seja, a vontade de Fidel – às últimas consequências) a ilha possui cerca de 30 organizações que controlam os cubanos desde à escola (União dos Pioneiros por Cuba) à velhice. E a mais emblemática dessas organizações é o Departamento de Orientação Revolucionária (DOR), que além de ser responsável pela propaganda tira qualquer dúvida sobre o que Fidel espera de seus súditos.

O cubano é criança tutelada por que vive numa ilha, o que dificulta a fuga do mais vulnerável e é controlado por órgãos que exigem sua participação como o Comitê de Defesa da Revolução (CDR – na base de um por quadra); Milícias de Tropas Territoriais (para homens e mulheres com saúde); Brigada de Produção e Defesa (idosos e portadores de enfermidade); Comissão de Prevenção de Delitos; Setores Unidos de Vigilância Pública, Associação de Combatentes da Revolução, Polícia Nacional Revolucionária, Tropas Especiais, e outras que o mantêm refém do Partido Comunista. Claro, além do Exército e serviço secreto.

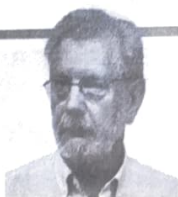
Citei isso para chegar ao ponto de Paulo Freire: "Os oprimidos, que introjetaram a sombra dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que preenchessem o vazio deixado pela expulsão, com outro conteúdo – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista e não uma doação, exige uma permanente busca." Não esqueçam, que a ditadura dos Castro já mais de 50 anos, tempos mais do que suficiente para aprisionamento da mente do povo.

Sigo com Paulo Freire: "Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus proprietários exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões. (...) A libertação, por isso, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos".

Assim, seguindo o raciocínio magistral de Freire conclui-se que na prática, quem ajuda o governo de Cuba só prolonga o sofrimento e a humilhação do povo cubano e contribui para perpetuar uma tirania inominável que ainda faz o sonho dos tolos!

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Jango e os de hoje na história!

São fascinantes os meneios que a história vai dando na gente na medida em que o tempo deposita a poeira levantada pelo alvoroço de um dado instante; o alvoroço dá sempre essa indefectível turbada na visão. Não raro no calor dos acontecimentos é difícil sacar o que realmente está ocorrendo, a clareza só vem depois. O que existe de testemunha ocular da história completamente cega não tem no gíbi.

Além do mais, a série de acontecimentos subsequentes demonstrará se houve coerência na caminhada, se o comportamento do líder seguiu a trilha do repúdio ou do aplauso; só lá adiante, descobriremos quem se tornou Nelson Mandela, um exemplo para a humanidade ou se tornou Idi Amin Dada, excrescência da história.

Como antigamente o tempo tinha a pachorra de correr de modo mais lento e os dados disponíveis para conferir informações se apresentavam escassos, a revisão do fato se dava gerações depois e os incomodados eram poucos. Hoje não, o fato acontece de manhã, as dúvidas permanecem até à tardinha e à noite as versões correm soltas. E há correria danada para as explicações e retratações; claro, isso não significa que tudo fique esclarecido, mas o processo é mais rápido e o contraditório fica posto na mesa.

Nesse prisma vamos ao caso de Jango Goulart, rico fazendeiro cá destes pampas que esteve no epicentro dos acontecimentos que levaram o Brasil para a ditadura depois que o espevitado presidente Jânio Quadros renunciou. No tempo em que minha turma e eu sabíamos tudo e tínhamos clareza total das coisas (tempo em que a clandestinidade se apresentou à história brasileira como a alternativa mais justa para nosso futuro glorioso), Jango era só um latifundiário frouxo, populista, fazendo jogo das elites.

E agora? Agora quem proporciona indícios é Karl Marx em seu 18 Brumário: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado". E agora entra outra pergunta: como vejo a história que o outro faz? Minha ótica deturpa ou não meu julgamento sobre a ação do outro? No frígir dos ovos, como afirmou José Ortega y Gasset "O homem é o homem e suas circunstancias" – mas claro que pode fazer alguma diferença dependendo do seu caráter. Ou não? Assim, Jango foi o quê mesmo?

O escritor, historiador e colunista do Correio do Povo, Juremir Machado da Silva, esteve em Passo Fundo para lançar e falar de seu novo livro "Jango: a vida e a morte no exílio". Esteve na cidade numa iniciativa da Prefeitura Municipal, do pré-vestibular MediSchool e da Livraria Nobel e definiu Jango com herói, estadista, político sem vaidades que soube evitar um banho de sangue no auge da crise de 1964. Ao contrário dos políticos mequetrefes de plantão que dizem uma coisa e fazem outra – passando mel na chupeta dos incautos – Jango teria colocado os próprios interesses em pauta quando mexeu no vespeiro chamado de reforma agrária.

Em sua fala Juremir colocou Jango num lugar melhor no pódio da história. Faz justiça? Não tenho, agora, porque duvidar. Mas cutuco, para evitar o cinismo: lá trás a mesma turma que denegria Jango incensava o líder de hoje que se torna símbolo do político que nada sabe, nada enxerga, nada ouve, enquanto o mar de lama – aquela denunciada – escorre ao seu lado. É, a história dá seus meneios, mas de seu julgamento ninguém escapa: Jango entra pro grupo de Mandela e os líderes de hoje vão ficar aonde?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Nova língua portuguesa & a falta de vergonha!

NOVA LINGUA

Quando a denodada presidenta da Associação de Moradores ligou para o plantão da Brigada Militar quem atendeu o telefone foi a militar da plantão. Nesse momento quem falou foi a assistente da caba que se afastara por alguns segundos do local para instruir duas soldadas sobre o conserto de viaturas que precisaria para o final da semana. Bem solícita a assistente anotou as informações e quando a caba retornou repassou em detalhes o que pedia a presidenta do bairro.

Na conversa que a caba teve a logo a seguir com a sargenta também fez questão de relatar tudo em detalhes para que na hora de passar as informações para a tenenta também tudo fosse feito com precisão para que tivesse a melhor percepção da operação a ser realizada.

Não deu outra, a tenenta chamou seus subordinados, convocou duas viaturas, exigiu a presença dos dois melhores motoristas da unidade e foi em direção ao bairro para atender a ocorrência. O fato envolvia um taxista, um motorista de caminhão meio que embriagado, um motoqueiro espevitado e o muro de uma residência. A casa do muro em questão era de propriedade de uma comerciante muito ciosa de suas direitas e exigia a presença da Brigada para fazer um registro que lhe garantisse dados precisos no processo que moveria contra o motorista do caminhão e o taxista.

Um povaréu foi se reunindo aos poucos para ver o acontecido. Antes mesmo das autoridades militares chegarem um conhecido jornalista da rádio, uma destacada reportera do jornal e outros profissionais de imprensa já cumpriam com suas obrigações para levar notícia quente aos ouvintes e leitores.

Enquanto a tenenta se dirigia ao local foi tomando conhecimento de outros pormenores do caso porque o plantonista da emissora de rádio abriu o microfone para o jornalista que estava fazendo a cobertu-

ra do acontecido como testemunha ocular. No quartel a capitoa que integrava a plantão da noite também ouvia a rádio e disse para a tenenta, que era novata na cidade, que fosse com calma por entender que o clima poderia degradingolar, já que a presidenta do bairro e a comerciante eram, por assim dizer, faca na bota, ou seja, não levavam ninguém para comadre.

No final da contas tudo terminou nos conformes e apenas o português saiu um pouquinho arranhado, que nestes tempos bicudos quem prometeu consolidar a utopia do homem novo, gestada no sofrimento dos tempos bicudos da ditadura, deu para se mostrar mais chato do aqueles que condenava.

FALTA DE VERGONHA

Em pleno centro de Passo Fundo um carro bate em uma moto. A motorista do veículo age corretamente e vai ao encontro do motoqueiro que caiu. Nada de grave entre ambos, apenas danos materiais e espirituais. Sim, danos espirituais porque, embora a pretensa qualidade dos curiosos presentes somem o celular da dona do carro e o celular do motoqueiro. Vocês estão me entendendo? Seguinte: os políticos corruptos e incompetentes que tanto condenamos são eleitos por nós que não temos nenhuma vergonha em tirar proveito de pessoas fragilizadas por causa do trauma que causa um acidente em rua movimentada e delas surrupiamos os celulares.

Vamos lá, vamos assumir isso definitivamente: o parlamento que ai está, os políticos que ai estão, os partidos que vicejam entre nós, refletem tão somente o que nós somos. É ou não é? Até quando seremos capazes de tudo, até de roubar um cego...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Sobre a Universidade de Passo Fundo

Quando a cidade de Passo Fundo estava localizada no fim do mundo o Governo Federal fazia de conta que Universidade por estas bandas seria luxo, seria disparato. Na prática, a União sempre tratou mal – e pelo que estamos vendo continua tratando mal – este Norte do Rio Grande do Sul quando se trata do ensino superior; mas isso é tema para outro papo.

Na realidade há (ou havia) característica muito forte no passado mais remoto da cidade de suprir a ausência do Estado em setores vitais por iniciativas comunitárias, quer por associações de leigos ou religiosos. Aqui, ao invés de choramingar as pessoas arregaçavam as magas e faziam as coisas acontecerem. Nessa linha, além da UPF, estão o Hospital São Vicente, o Hospital da Cidade, o Notre Dame, o Menino Jesus, o Menino Deus, o Bom Conselho, o Instituto Educacional – quantos mais estou esquecendo?

O que realmente importa aqui, neste momento, é ressaltar o fato da Universidade de Passo Fundo (UPF) estar comemorando 45 anos e uma extraordinária trajetória agora em 2013. E dizer, com todas as letras (há muito que desconhecem tal relevância), que ela é a maior obra de todo o século 20 no Norte gaúcho.

Resumidamente tempos três momentos cruciais que nos permitiram alcançar o patamar de hoje. O primeiro deles foi a passagem do tropeiro de mula que nos colocou no mapa do novo Brasil nascente. No núcleo habitacional que formamos a partir da passagem dos tropeiros vivemos e crescemos vegetativamente por décadas até que o estabelecimento do tráfego ferroviário, no início do século passado veio nos colocar em contato com o mundo. O tropeiro e o trem, esses dois momentos significativos em nossas vidas, não dependeram da vontade dos moradores do lugar, ambos foram produzidos por forças externas, embora

tenham habilitado Passo Fundo a ousar em novas demandas como a de encarar o desafio de trazer o ensino superior.

Assim, peço licença para ser repetitivo: “aqui não restam dúvidas para se afirmar que a Universidade de Passo Fundo é a principal, a mais importante, a mais significativa obra do Norte do Estado do Rio Grande do Sul em todo século vinte. Fruto do destemor, do espírito empreendedor, das contradições do passo-fundense a UPF impactou inclusive o Oeste de Santa Catarina, o Sudoeste do Paraná e outras microrregiões do país”.

Como já disse “sim, os tropeiros foram relevantes, o trem foi relevante, mas com eles fomos passivos, não fomos atores. A postura criativa da população empreendedora se revela na UPF, nossa obra maior. Com ela e por causa dela nos tornamos o que somos: centro político, polo cultural e a maior e mais importante economia do Norte do Rio Grande do Sul; posição que assumimos sem arrogância nesse contexto, mas com orgulho ao verificar nosso esforço compensado e poder dizer que nada, como obra coletiva, foi maior do que a UPF em todo o século 21”.

Além do vigor da obra concretizada, que exigiu impensáveis sacrifícios para os dias de hoje e que não se edificou sem conflitos e até injustiças a Universidade de Passo Fundo chama a atenção para algo que vem merecendo estudos mais dedicados: o seu caráter comunitário. Ela não surgiu com recursos públicos, quer do Estado ou da União, nem pela ação de grupos econômicos privados ou confessionais. Brotou da comunidade, ela é decorrência de uma ação coletiva das pessoas que aqui moravam nos anos de 1950 e que, independente da origem, assumiram um desafio de fazer o que precisava ser feito. Simples assim... PS: Dizem que em tempos bicudos recordar é viver!

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Brasil encolhe espiritualmente?

O grande desconforto que permeia nosso cotidiano causado pela crise moral (ética) que avassala nossas mais caras instituições nos impõe, no cotidiano, a sensação de que o Brasil vem se apequenando lenta e gradualmente. Os mais céticos sustentam que espiritualmente o Brasil está encolhendo? Quem arrisca contestar? Quem não ouviu que nós estamos nos tornando uma Nação de pigmeus morais?

O que ajudou a amolecer os alicerces da ditadura militar 1964 foi uma sensação semelhante a essa que engolfou a Nação nos anos de 1980 e nos empurrou para novo período democrático. Não são poucos os homens de estudo que escreveram dizendo que a Nação estava exausta da ditadura e tudo o que ela representava: corrupção, falta de liberdade, impunidade, injustiças e outras coisas desse gênero. Para uma Nação 50 anos é nada e talvez por isso estejamos repetindo as mesmas bobagens?

Diz o ditado que as palavras convencem e os exemplos arrastam; temos, sim, sido arrastados por discursos maravilhosos, mas quem nos tem dado bom exemplo a seguir hoje em dia? Repito o pastor: "Seus filhos, seus dependentes, as pessoas com as quais de uma ou outra forma tem relações, ou sobre as quais você exerce alguma influência, estão esperando por suas palavras. Mas essas palavras serão ineficazes, se não forem precedidas pelo exemplo de sua vida".

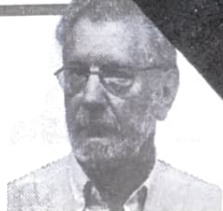
O sonho de um Brasil republicando com o fim da ditadura está morrendo muito Mais rápido do que imaginávamos. O otimismo que nos engolfou com as campanhas fantásticas que embalaram nossa esperança (da anistia, da constituinte, das diretas) evaporaram como num passe de mágica. O discurso feito em 20 anos de luta contra o arbítrio se mostrou mais vazio do que poço seco. Dissemos uma coisa e fazemos outra. Começa que criamos um sistema de castas de fazer inveja aos indianos. Com algumas inovações, pois aqui os intocáveis são aqueles que detém algum poder, algum dinheiro, algum prestígio; esses estão acima do bem e do mal, gozam de privilégios que apenas humilham ainda mais a massa que fica com migalhas. Depois criamos uma casta de funcionários públicos cuja opulência zomba do que ganham, por exemplos, professores e policiais, duas categorias de ações essenciais.

A Câmara Federal virou gosma informe e chegou ao cúmulo de assumir sem pudor que em seus gabinetes, em seus corredores em suas comissões, em seu plenário há lugar sim para bandido já condenado. Qual é o problema? Sim, sim, o parlamento tem safado, mas aonde não tem dessa categoria?

O Poder Executivo sangra por todos os poros – os escândalos se sucedem – e o que acontece? Nada, absolutamente nada. Cegos, surdos e mudos tem sido nossos presidentes, nossos ministros.

O Poder Judiciário, que era o último baluarte, já mandou seu recado: não espere de nós a dignidade que os outros poderes não possuem. Agora com o mensalão (já pouco importa o final) o Supremo Tribunal Federal se transforma no que mesmo quando o ministro – invertebrado? – beija a mão de quem o levou ao posto?

O mais duro de tudo é que se o Brasil encolhe espiritualmente ninguém escapa das consequências: seremos todos verticalmente prejudicados... Viramos piada! Somos, definitivamente, a República da impunidade e chorar não adianta.



A pet shop de Fidel

O Sultão, meu cachorro policial não entrava em casa. No máximo ficava na área. Da janela eu jogava polenta e ossos e ele nunca deixava cair; sempre teve água fresca. No inverno tinha lugar quente no porão. Era cão livre para namorar. Sim, não tinha banho com xampu, tosa com maquininhas, ração especial. Lembrei-me do Sultão após a garota relatar como trata seu frágil cão de estimação que não suporta vento encanado. Deixei de crer que tinha sido cruel com o Sultão quando ela disse que seu bicho era castrado. Hoje em dia, disse, é melhor castrar.

O preço a pagar pelo cão para entrar em casa é a castração? Fiquei remoendo o episódio e como nossa mente, às vezes, tem comportamento de biruta de aeroporto ou, pior, postura de pandorga em pé de vento, lembrei de Roger Shattuck (autor de *Conhecimento proibido*), Czesław Miłosz (autor de *Mente Cativa*), dos irmãos Castro e seus apoiadores aqui e de todos os cãezinhos que gravitam dentro e em torno de Cuba.

Só para recordar: provocativo, Shattuck nos leva a perguntar se o conhecimento pode trazer mais problemas do que soluções. No campo da política dá para dizer que os tiranos como os irmãos Castros são de opinião que sim, por isso a censura feroz que castra. Já Miłosz mostra como as tiranias das democracias populares despersonalizam o indivíduo ao ponto de torná-lo negação de tudo que imaginamos poder ser o ser humano ao impor um comportamento pasteurizado para a sociedade.

Diz Miłosz: “Depois de conviver por muito tempo com seu papel (imposto pelo Estado, observação nossa), um homem se aproxima dele de tal forma que não mais consegue discernir seu verdadeiro “eu” do “eu” que estimula, de forma que até mesmo os indivíduos mais íntimos se comunicam por meio de slogans de partido. Identificar-se no papel que se é obrigado a atuar traz alívio e permite que se relaxe da vigilância. Os reflexos apropriados aos mementos adequados se tornam realmente automáticos”.

Que receita de envergonhar o capeta, hein: falta de conhecimento e terror. E aqui, cheios de empáfia, não arde na gente, apoiando...

Isto posto voltemos ao cãozinho castrado. Ele tem uma vida interessante quando se trata de se manter com saúde, com beleza a partir dos melhores produtos do mercado, alimentado com a melhor ração que a tecnologia produz com carne de primeira, enfim, vida de rei (ele custa mais do que criança). O único problema é a castração. Mas o cão se importa? Ele poderia se opor? Teve chance de opinar? O cão sabe que deixa de ser cão com tais mordomias?

Mente Cativa “analisa o poder dos regimes tiranos que escraviza homens e mulheres, não somente por meio do terror, mas por meio de ideias, obtendo a qualidade de propriedade sobre o espírito humano.” Ao proceder a castração mental sem garantir o conforto que o bichano capitalista castrado acaba usufruindo as tiranias não conseguem transformar seus súditos nem em cãezinhos de madame.

Salvo fundamentação mais apropriada Cuba (e Coréia do Norte) não passa de pet shop subdesenvolvida, por mais ofensivo que isso pareça! E, assim, quando o Brasil apoia ações que beneficiam os irmãos Castros PMDB, PP, PDT, PSB, PC do B não podem crer que lavam as mãos e passar a responsabilidade apenas ao PT. Quer dizer, na mãe de todas as ironias a direita de ontem apoia o terror da esquerda insepulta...



Pobre não precisa “revalida”, mas a espionagem é de primeiro mundo

UM – Na polêmica da importação de profissionais para tapar o sol com a peneira no problema que os governos não souberam solucionar (o culpado pela crise na saúde pública é o médico?) emerge um dado absurdo na decisão de não exigir a revalidação do diploma de quem chega do exterior. Na prática tal decisão diz que o brasileiro pobre, o da periferia e o dos grotões não precisa atendimento padrão FIFA. Essa leitura da posição do governo não é força de expressão, é tragédia pura. Quero querer que o Ministro Alexandre Padilha, do PT, não tenha se dado conta da incongruência, mas na prática o Programa Mais Médicos criou, ao restringir geograficamente os locais de atuação de quem chega e atua sem a revalidação, uma classe de paciente que não precisa que o órgão profissional confirme a qualidade da assistência.

Ao criar zonas de exclusão para o exercício da medicina aos estrangeiros (alguns na dimensão de trabalho escravo como os de Cuba) o Ministério da Saúde gerou essa anomalia. Ou seja, para alguns brasileiros todo o cuidado com o médico que sai da nossa faculdade, exigindo – corretamente – a intervenção dos organismos de classe para garantia de sua competência e, para os pobres, a impressão de que serve qualquer coisa. Para trabalhar no hospital Sírio Libanês e locais do mesmo nível de excelência, só com “revalida” para quem vem de fora para trabalhar, agora, para atuar na periferia...

Essa atitude de baixar o padrão de exigência em vista da enorme defasagem que deixamos acontecer na realidade nacional infelizmente faz parte (intencionalmente ou não) da postura gestada por essa praga do politicamente correto e cria um monstro na teoria de quem assumiu o poder representando os ideais contra a ditadura. Se falta médico que venha de onde vier, mas sem baixar o padrão só porque o paciente é pobre.

DOIS – Não há como tolerar o que os órgãos de segurança dos Estados Unidos estão fazendo. Essa espionagem (embora praticada por todos os países poderosos) viola qualquer tratado internacional civilizado. Isto é o óbvio e a presidente tem realmente que reagir com veemência.

(Não resisto, sou obrigado a registrar que enquanto a qualidade dos médicos que vem do exterior pode ser considerada duvidosa pela falta do “revalida” a compensação fica patente ao termos certeza que a espionagem é de primeiríssimo mundo, chega até nós com o que há de melhor no campo da tecnologia)

Agora, o episódio mostra outro lado óbvio (este no campo do pragmatismo do cotidiano – responsável ou irresponsável é irrelevante no contexto), ou seja, os EUA jamais deixarão de bisbilhotar o que pensa e faz no exercício do poder central a geração mais antiamericana da história Brasil. Caramba, ficamos mais de vinte anos culpando os americanos pelas nossas mazelas e prometendo barbaridades se um dia tivéssemos poderes (como sonhamos com isso!) e agora queremos abraços fofos.

Fomos ingênuos ao ponto de não acreditar que isso não aconteceria? Ora bolas, isso é prova do amadorismo da geração de 1964 ao chegar ao poder. Vamos recapitular a história: os EUA apoiam o golpe militar no Brasil, quem luta contra a ditadura promete comer o fígado dos americanos e aí, quando chega ao poder esquece de montar um sistema antiespionagem? Eu estou cansando das barbaridades...



Carta para a Ministra da Cultura

Prezada Sra. Marta Suplicy,

Digníssima Ministra da Cultura. Saudações.

Escrevo para fazer observações envolvendo a 15ª Jornada Nacional de Literatura e 7ª Jornadinha Nacional de Literatura realizadas na semana passada aqui em Passo Fundo numa iniciativa da Universidade e da Prefeitura.

Primeiro, digo que ficamos tristes porque a senhora não veio prestigiar o evento. Pode ser provincianismo, cacoete de gente interiorana, mas aqui teimamos que não é coisa pouca reunir quase trinta mil pessoas durante uma semana para falar de livros, do significado da leitura e trazer alguns dos maiores escritores do mundo como ocorre nos últimos 32 anos. Não sou viajado, mas não acho pouca coisa reunir milhares de crianças no mesmo ambiente, em dia muito frio, para falar da magia e do papel do livro, da escrita, da literatura, da leitura, da cultura depois que dedicados professores trabalharam os textos em sala de aula. Sim, pode ser bobagem de quem vive na planície ficar triste quando a autoridade não prestigia seus súditos, mas não tenho vergonha em dizer isso. Até por que quando a gente vai bem as autoridades fazem questão de dizer que foram elas que fizeram acontecer...

Prezada Ministra, confesso: fiquei indignado com senhora por causa da sua ausência, mas isso já passou (talvez seja defeito do brasileiro matar rápido a indignação com suas autoridades), sei que a senhora é ocupada, mas também digo que ainda não consegui perdoá-la pela ausência em momento tão importante para nós e o País.

Pergunto: como a Ministra da Cultura de um país que lê pouco, publica pouco, tem escolas precárias, tem poucas livrarias, tem parcela expressiva de analfabetos, onde os livros são caros, pois é, como pode a Ministra não estar presente num evento que há mais de 30 anos luta contra todo o tipo de espinhos justo para colaborar na superação desse quadro trágico? Nós aqui da planície não conseguimos entender que tipo de urgência existia na semana passada para a senhora não pegar um jatinho, baixar em Passo Fundo, prestigiar esse fenômeno literário e retornar para Brasília!

Senhora Ministra, sem bairrismo posso dizer que o que acontece aqui é exemplo para o mundo. Não exagero, gente de peso já afirmou isso. O que acontece aqui é milagre que iniciou porque nós aqui teimamos. A cada dois anos é quase um parto a fórceps garantir o dinheiro para montar a Jornada e a Jornadinha de Literatura que possuem repercussão internacional; e são centenas de pessoas trabalhando no amor para que tudo saia perfeito. Mais: a Universidade de Passo Fundo é comunitária, construída sem as benesses do Estado, o que significa que o dinheiro aqui é contadinho, inclusive o da prefeitura. Digo mais, se dependesse do governo federal o ensino superior não teria chegado ao Norte do Rio Grande do Sul.

E aí, a autoridade maior da cultura não aparece para um ato dessa magnitude? Creio que até a senhora, mulher sensível e inteligente, entende e concorda com a nossa indignação e saberá cobrar de seus assessores mais eficácia quando se tratar de prestigiar algum evento cultural no país. Era isso, desculpe o desabafo. Um abraço.



Índios, agricultores, santo daime, Cimi e a nossa República

Para clarear o cenário no conflito maluco entre agricultor e índio fui à audiência pública realizada na Universidade de Passo Fundo; ao ouvir o Procurador, Rodinei Candeias, me convenci que ambos são vítimas de inconfessáveis interesses. O que está em jogo, disse o Procurador, é a República, é a legalidade. Quem não dá atenção para declaração dessas (partindo de onde partiu) é tolo ou quer ver o circo queimar.

Ideologias perebentas, a gula de corporações internacionais por nossas riquezas, ação de ONGs de esquerda e direita mamando em tetas do governo e complexos de culpa caminham lado a lado a ponto de produzir um conflito de resultados inesperados. Conflito artificial, eis que os 828 mil índios brasileiros já ocupam 13% do território enquanto os 10,1 milhões de agricultores (a maioria pequenos) ocupam 27,7%.

Sai do lugar com várias dúvidas e uma certeza. Uma dúvida se relaciona à ação da FUNAI. Afinal, ela pode agir sem que a Presidente Dilma Rousseff saiba o que ela faz? Caso a presidente saiba de tudo o que a FUNAI faz a fala do Procurador assume conotação assustadora; caso não saiba os deputados do PMDB, do PP e do PDT presentes na audiência devem informá-la, pois são governo (a CPI pode ser opção?) e tem responsabilidade para evitar o pior disso que se constrói à sorrelfa.

Não é de agora que a FUNAI tem questionada sua competência, mas chegar ao ponto de acatar laudo de quem estava sob o efeito do Santo Daime (a beberagem com a ayahuasca, o controvertido uso ritual dessa bebida psicoativa, que contém uma substância, o alcaloide dimetiltriptamina – DMT –, proibida em tratado internacional e na legislação de vários países), é dose que nem dinossauro argentino suporta.

Qual é a certeza? O bem vem em gotas, o mal em cascatas e se perpetua na dor eterna. É o caso da mea culpa do Conselho Indigenista Missionário. Vinculado à CNBB o CIMI diz que “impulsionados por nossa fé no Evangelho da vida, justiça e solidariedade e frente às agressões do modelo neoliberal, decidimos intensificar a presença e apoio junto às comunidades, povos e organizações indígenas e intervir na sociedade brasileira como aliados dos povos indígenas, fortalecendo o processo de autonomia desses povos na construção de projeto alternativo, pluriétnico, popular e democrático”. Puro devaneio, quem destruiu a civilização indígena do Rio Grande do Sul foram os Jesuítas católicos, e o fizeram de modo tão radical que começam por matar Tupã. Nada mais perverso e definitivo (no choque de culturas) do que extirpar o deus de um povo – depois disso não há o que recompor, restando apenas buscar a integração que possa restabelecer, adiante, um mínimo da dignidade esmagada. Não sei por que, mas ao ler isso me lembrei de Êxodo 20:7 “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão”.

O choque de culturas é tragédia inevitável (vida é movimento) na história e, infelizmente, é sempre doloroso para alguém. E depois que duas posturas culturais se chocam as duas vão desaparecer, uma de forma rápida e drástica e, quando isso ocorre, não há como voltar ao passado. É assim há centenas de milhares de anos. Remar contra a corrente do fato consumado é perpetuar a dor da vítima (caso do índio do pampa). Todos já fomos índios, ao deixar o Leste da África para ocupar a Terra fomos deixando de ser o que éramos (culpa da globalização ou neoliberalismo?) e sempre que nos (re)encontramos, padecemos mudanças dolorosas. Alguns, como Tertuliano, Bispo de Cartago, fazem limonada: “o sangue dos mártires é a semente da Igreja”.



Violência contra mulher: o gaúcho bate mesmo e Estado lança Observatório

No período que abrange janeiro de 2011 até agosto de 2013, o Rio Grande do Sul registrou mais de 170 mil casos caracterizados como de violência contra a mulher. Segundo dados oficiais dos nossos órgãos de segurança foram 116.092 ameaças (a violência psicológica é, talvez, das piores formas de tortura e seu estrago é profundo), 69.947 casos de lesões corporais, 3.086 casos de estupro e 206 assassinatos.

O que acham disso? Nós, gaudérios, estamos batendo pra valer, é ou nãoé? Quer dizer, uma realidade brutal que absolutamente nada possui para nos orgulhar ou para servir de exemplo para alguém. Temos sido ciosos em falar de algumas de nossas virtudes (em geral característica do país), mas temos agido como parci-mônia (e isso também é da índole dos brasileiros) quando se trata de algumas mazelas; e, com certeza, a violência de gênero está entre as questões horríveis que relutamos em falar e enfrentar.

Os números da triste estatística, óbvia e infelizmente, não são exclusividade nossa, algo típico apenas cá dos pampas, mas isso não quer dizer nada, não reduz nossas responsabilidades. Sim, o sueco bate na mulher, o francês bate, o africano bate também, o americano idem, do mesmo modo que o carioca, o português e o boliviano, mas isto só confirma que a tragédia é universal e que, em decorrência, a reação deve ser total.

Diante dos terríveis números gaúchos o Governador Tarso Genro resolveu dar outro passo visando enfrentar problema tão grave e complexo. Criado pela Divisão de Estatística Criminal da Secretaria da Segurança Pública do Rio Grande do Sul, o Observatório da Violência contra a Mulher foi lançado dia 10 de agosto com o objetivo de realizar o levantamento e análise de índices relacionados à questão. Os dados sobre a violência de gênero entre nós serão atualizados diariamente e as informações repassadas toda semana para a Brigada Militar, Polícia Civil, Instituto-Geral de Perícias e Superintendência de Serviços Penitenciários para que ajam em situações de risco.

Para o secretário de Segurança Airton Michels, o observatório “vai permitir que o Governo crie novas políticas públicas e ajuste as que já existem para obter resultados cada vez mais eficientes na proteção à vida das mulheres”.

Não é tarefa fácil (devemos reconhecer para não cair no desânimo), vamos demorar muito para criar efetivas condições para que tenhamos forte eficiência na eliminação da violência de gênero, mas qualquer medida que vise enfrentar o problema – como essa que cria o Observatório – deve ser saudada com vigor.

Não poucos se perguntam: temos alcançando feitos extraordinários no campo da ciência, do conhecimento humano, algumas das nossas conquistas dão a impressão estarem no patamar dos milagres (ou dos sonhos), mas por que um número assustador de homens não consegue deixar o território a barbárie quando se trata do seu relacionamento cotidiano com a mulher?

Para não desanimar numa hora dessas gosto de citar a psicóloga paulista Tânia Pinafi: “A violência contra a mulher é produto de uma construção histórica, portando, passível de desconstrução...” Assim, nenhuma ação pode ser desconsiderada na hora de tratar da questão.



O Maio de 68 na França e o Brasil

Todos sabem que não está fácil entender o Brasil de hoje. Esperávamos mais da geração que veio dos frenéticos anos de 1960 onde o Maio de 1968 na França se tornou um dos símbolos do homem novo a ser formado para administrar o processo do novo mundo a ser construído. É irônico, cada vez que alguém fala em fazer "homem novo" o resultado é pura tragédia sempre piorando o "homem velho".

Sem querer embaralhar o raciocínio, mas entrando no campo prático responda: quanto disso (mundo novo) tem embutido no leilão (correto) do campo de Libra?

Vamos ao macro: como está o Brasil, gigante deitado eternamente em berço esplêndido depois de 20 anos nas mãos daqueles que nos anos de 1960 eram tidos como o futuro do país e apoiaram (como eu) o Maio de 1968 na França? A massa aplaude (segundo as pesquisas), mas a corrupção chegou à medula óssea da Nação (honesto será exceção?); o número de homicídios é epidêmico (em 20 anos assassinamos um milhão de compatriotas); o trânsito – ruas e estradas – faz vítimas como se fossem moscas; a seca ainda esmaga o nordestino; em saneamento básico ficamos no terceiro mundo; a educação básica piorou comprometendo o futuro; o número de empresários que mama no Estado cresceu; não criamos estrutura para explorar nossas riquezas; quem se sente seguro na baderna que se adonou do campo e da cidade? Querem mais? Tenham a santa paciência.

É natural e necessário querer entender onde está o erro no processo iniciado com o fim da ditadura militar. Minhas limitações conspiram para visão mais objetiva, mas como não desisto acabei encontrando frase do presidente da França, Nicolas Sarkozy, que faz refletir. Confesso, a primeira leitura incomodou embora batesse com algo que minha mente matuta sobre o que foi a década de 1960. Ao reler o incomodo diminuiu. Depois de repetidas leituras conclui que algo parecido venho tentando expressar sem a competência e a contundência de Sarkozy.

O que disse o homem que governa essa França que não tolera nem um por cento da esculhambação que governos frouxos do Rio de Janeiro e São Paulo (Rio Grande idem) toleram? Transcrevo: "O Maio de 1968 impôs um relativismo moral e intelectual a todos nós. Impôs a ideia de que não existia mais qualquer diferença entre bom e mau, verdade e falsidade, beleza e feitura. Sua herança introduziu o cinismo na sociedade e na política, ajudando a enfraquecer a moralidade do capitalismo, a preparar o terreno para o inescrupuloso capitalismo das regalias e das proteções para executivos velhacos".

Notem a impressionante e aterradora coincidência: parece que Sarkozy disse "inescrupuloso capitalismo das regalias e das proteções", vendo o papel de office boy das empreiteiras (com burras cheias nas campanhas) que o Lula (tido como de esquerda) cumprem detrimentos dos empresários que produzem riquezas honestamente.

Sempre alguém dirá que eram nobres os motivos da garotada bem nutrida que arrancou paralelepípedos em busca da Revolução Cultural sonhada pela esquerda. Pode ser, mas o resultado é o caos que nos leva a refletir que tipo de jovem pode, mesmo, ser o futuro do seu país. Para não repetir o mesmo erro amanhã é bom fazer autocrítica agora e aposentar utopias carcomidas dos anos de 1960 (podemos iniciar enterrando o "é proibido proibir", eis que o homem é o lobo dele mesmo).

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Um caso: índios avás-canoeiros

Para recordar: 1) o bem chega a conta-gotas, o mal aos borbotões e é eterno; 2) é dantesca nossa ineficiência em administrar a questão indígena; 3) apenas chorar o leite derramado só aumenta o sofrimento; 4) olhar o mundo com viés ideológico produz mais mártires; 5) crer que o mundo é estático amplia as injustiças; 6) adulto com tutor possui apenas nano-cidadania.

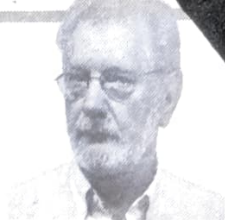
Detentores de 38 mil hectares no Estado de Goiás os índios avás-canoeiros perderam 3 mil hectares para a hidrelétrica Serra da Mesa. Desde 96, com a construção da usina as concessionárias Furnas Centrais Elétricas e CPFL Energia creditam por mês valor equivalente a 2% dos royalties pagos aos seis municípios que tiveram terras inundadas pelo reservatório (Colinas do Sul, Minaçu, Niquelândia, Uruaçu, Campinaçu e Campinorte). Os recursos, num montante de R\$ 6,9 milhões, são administrados pela Funai, com a assistência do Ministério Público Federal, até que os indígenas sejam considerados aptos a administrá-los diretamente. Os membros dessa comunidade são: Matxa, 73 anos, a matriarca; Nakwatxa, 63; Iawi, 53; Tuia, 43; Thrumak, 26; Niwatima, 24; Kapitomy'i, 26 (da etnia tapirapé, que se casou com Niwatima); e Paxeo, 1, filho de Kapitomy'i e Niwatima. Segundo a IstoéOnline são os remanescentes do massacre de 1969, que dizimou 150 índios (envolvendo garimpeiros e outros aventureiros).

Deles, só Niwatima sabe ler e seu irmão Thrumak tem noções de Matemática, aprendidas no convívio com não índios. Segundo Furnas, em 2001, foi assinado convênio com a Universidade Federal de Goiás, para que professores ensinassem os índios, mas o projeto fracassou, pela ausência de "progressos" dos indígenas.

Recentemente o jornal O Globo registrou: "Entre os municípios de Minaçu e Colinas do Sul, no norte de Goiás, sete índios avá-canoeiro estão vivendo no limite da extrema pobreza, marginalizados pela desastrosa tutela da Fundação Nacional do Índio (Funai). O caso é mais grave quando se destaca que os índios, remanescentes de etnia nômade que já contou com mais de 2 mil membros no século passado, possuem reserva de 38 mil hectares (mais que o dobro da área da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro) e, há 16 anos, são presumidos destinatários de royalties milionários pagos pelas concessionárias da hidrelétrica de Serra da Mesa, situada parcialmente em suas terras. Todavia, os índios jamais viram a cor — e, menos ainda, os benefícios — desse dinheiro".

"Eles passaram fome com dinheiro em caixa — diz Egipson Correia, indigenista da Funai responsável pela aldeia. As cestas básicas e a perda de tradições inibiram os índios de matar a fome com hábitos antes tradicionais. Niwatima e Iawi, por exemplo, hoje comem morcegos e tatus — pratos comuns até o contato com o branco — com a frequência que o cidadão de classe média come lagosta no Brasil, ou seja, raramente. E, neste caso, não é por falta de oferta, uma vez que morcegos enfileiram-se no teto da cabana de alvenaria de um cômodo, onde os moradores espalham-se por suas redes.

"Fazer das quatro pessoas que restaram da tribo objeto de proteção indigenista com verbas milionárias é uma forma bizarra de preservação e até forma de violência, porque desconsidera aspectos importantes da vida deles. Essa sociedade, que vive em situação de cativo, passou a ser dirigida por tutores" — disse Cristhian Teófilo da Silva, professor de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), que defendeu tese de doutorado sobre o grupo.



Educação: outra geração perdida!

A indagação brotou durante conversas na Feira do Livro que acontece na Praça Marechal Floriano de Passo Fundo: mais uma geração de brasileiros vai passar sem que a gente tenha apostado profunda e decididamente na educação básica? Falo daquela educação que consegue nos tirar do atoleiro e nos coloca no primeiro mundo.

Lembro quando discutíamos o tenebroso fato das nossas elites não apostarem em educação básica para que pudessem manobrar a mente do povo ignorante. Tínhamos certeza absoluta que correndo com as elites direitista do poder a realidade educacional brasileira seria radiosa e, em questão de duas ou três décadas, dominaríamos o mundo. A gente discutia muito isso: as elites só vicejam na ignorância geral. E lembro como dizíamos que nossas elites apenas pensavam em universidades para seus filhos já que podiam pagar escola básica particular para uma formação sólida para o futuro deles.

Na época, falo do período da ditadura militar, citávamos muito o Japão como exemplo a ser seguido, lembrando como esse país saíra estropiado da segunda guerra mundial (para não dizer humilhado) e em curto período de tempo torna-se uma potência graças à aposta que fez na educação básica. Tendo que enfrentar, ainda, para consolidar tal objetivo, as agruras de um território geograficamente acidentado, descontínuo, assolado por fenômenos climáticos-terríveis e paupérrimo em riquezas naturais.

Depois disso agregamos, entre outros exemplos, a Coreia do Sul, o Vietnã do Sul e Cingapura, para ficar nos mais badalados. Estropiados por diferentes motivos, dos conflitos à corrupção, um dia eles criaram vergonha, fizeram um pacto nacional, botaram a educação em primeiro plano e deu no que deu.

Eu pergunto: que praga de madrinha nos persegue para ficarmos atolados num blá-blá-blá sem fim que impede a implantação de um projeto nacional pondo a educação brasileira no devido pedestal? As elites que condenávamos foram catar coquinhos, elas não atrapalham como imaginávamos e nós não avançamos. Mas o que que há?

Vamos fazer uma continha bem rápida: dá para dizer que o Itamar Franco teve as rédeas do país nas mãos por dois anos. Era integrante do chamado Grupo Autêntico na Câmara Federal e, conseqüentemente, um homem esquerda, homem que esteve entre os que discutiram a importância na educação básica nos tempos do arbítrio. Em seguida vieram os oito anos de Fernando Henrique, homem que esteve na linha de frente na luta contra a elites retrogradadas e seus métodos. Adiante tivemos mais oito anos com Lula, também, um cara das esquerdas. E agora estamos fechando três anos com a presidente Dilma, com o que consumimos duas décadas com as esquerdas no poder, com as elites atrasadas catando coquinhos e a nossa educação básica se encontra em que situação mesmo?

O que, efetivamente, produzimos, nesses 21 anos de governos de esquerda, na área educacional tendo um território exuberante em todos os sentidos? Blá-blá-blá, eis o que produzimos; chega ser humilhante comparar o que fez o Japão (uma potência) com seu território mixuruca com o que fizemos nos últimos 21 anos. E nem fico botando na lista outras questões que também revelam a nossa pobreza espiritual, científica, criativa. E tendo dinheiro em caixa para isso (já nem falo do dinheiro roubado cotidianamente como fosse uma casa sem dono...). E o pior: hoje nem temos a quem culpar!



Enquanto a “esquerda” leva o Brasil ao caos a “direita” sorri

Chegou a hora de largar o cinismo e admitir que o Brasil caminha na contramão na área da segurança. Quem discorda que jogue a primeira pedra: eu estava lá e digo que nem durante a ditadura existiu a atual sensação de medo que permeia a sociedade. Lá havia o medo do aparato repressivo do Estado (como agora em Cuba) em termos de liberdade de expressão e hoje, o que ocorre? Escolha qualquer pessoas (empresário, estudante, mulher...) e indague e ouça o que pensa da segurança (da segurança que não temos e que garante a harmonia do povo francês, do inglês, do canadense, do belga...).

Torramos dinheiro em estádios que serão elefantes brancos, em obras que nunca terminam, ajudamos pseudos empresários, perdoamos dividas de países como se nadássemos em grana, ajudamos ditaduras falidas enquanto nossa polícia está sucateada em termos materiais e de pessoal. Entre 1990 e hoje mais de um milhão de brasileiros foram assassinados e convivemos com tal número como se falássemos de batata frita. A área de segurança está um caos (a baderna nas ruas é a parte mais visível) por que não há uma política de Estado séria, consequente, moderna sobre o setor. Nós continuamos confundindo democracia com bagunça e fico assustado quando me jogam na cara que “as esquerdas” não sabem operar estados democráticos (é, temos que ouvir isso!) daí essa crescente sensação de insegurança no País.

Notaram que nem falamos dos milhares que morrem em ruas e estradas?

Anotem: em 2012 foram registrados oficialmente 50.617 estupros no Brasil; isso gerou alguma perplexidade? Esse número não reflete a realidade, você e eu sabemos que o trauma é tão forte em algumas mulheres que elas não denunciam essa violência. Em 2012 registramos 14.400 roubos de cargas em nossas estradas e o que aconteceu?

Mais, o que fizemos com a ética? Como diria o Lula do alto de sua imbatível verve à Cantinflas que o manterá no poder eternamente, nunca antes neste país se corrompeu tanto, se roubou tanto, se assassinou tanto, se estuproou tanto, se mentiu tanto, se furtou tanto, se mistificou tanto, se assaltou tanto, se botou tanto dinheiro fora e se fez tanta baderna impunemente. Sim, este é o país da impunidade!

Eis aqui a chaga maior: impunidade é a marca do Estado brasileiro. Sem justiça não há pacto social que funcione, que aguarde, que perdure.

Algo extraordinário (há influência alienígena?), aconteceu no Brasil: quando chega ao poder central a chamada “esquerda” (construída a ferro e fogo durante o arbítrio) que desejou ser paradigma do novo tempo copia (e aperfeiçoa) o que havia de pior e condenava na chamada “direita”. Por que teimamos em não enxergar isso?

Para o lado que se olhe só vemos problemas resultantes de muita teoria e pouca eficiência. Não se fez nada de novo após sepultarmos os grilhões. Quem, por exemplo, com um mínimo de sanidade, explica o conflito fabricado entre índio e não índio? Ionesco? Enquanto o Japão, com densidade de 337 habitantes por quilômetro quadrado é potência (só perde para EE.UU e China), o Brasil com 23 habitantes por quilômetro quadrado não acomoda adequadamente seu povo.

Encerro levantando outro ponto: somente os lunáticos acreditam que com 32 partidos políticos barganhando segundos de TV a cada eleição vamos construir alguma coisa séria em termos de Nação! Menos ainda na área da segurança pública.



A utopia na cadeia! A “direita” venceu e engoliu a “esquerda”?

Um dia (em 1967 ou 1968?), por questões de segurança, deixamos às pressas as dependências da Faculdade (Engenharia?) de São Carlos, interior de São Paulo, onde realizaríamos reunião para preparar congresso da União Nacional de Estudantes (o de Valinhos ou o de Ibiúna?). Fomos levados para um descampado e alojados em algo que parecia estrebária. Ali ficamos por três ou quatro dias. No segundo amanhecer fizemos debate extraordinário e tenso porque meu grupo acabou tendo que fazer dois turnos de vigilância durante a noite: os revolucionários que nos substituiriam dormiram demais.

Não lembro detalhes da reunião em que os líderes (alguém era da AP, pois eu ali representava os militantes cá do Planalto gaúcho) deram um xixi geral pela falta grave dos dorminhocos que colocaram em risco a segurança de todos. No sermão o líder falou da responsabilidade de ser de esquerda, do exemplo que deve ele ser para a sociedade, da postura ética inquebrantável que devia ter, da sua missão nobre para libertar o povo. Foi lindo de ouvir. O silêncio a emoção tomaram conta do ambiente.

Pois bem, 45 anos depois lembrei desse momento no fundo de uma fazenda em São Paulo (não posso negar que com tristeza), onde colocamos em risco a vida da gente e de nossas famílias, ao ver o pessoal do mensalão indo para a cadeia. E ainda perpassei o século passado e o início deste para descobrir para onde foi a “esquerda”, esta que os grandes intelectuais brasileiros dizem que jamais desaparecerá. O que descobri é algo terrível: a “direita” venceu e engoliu a “esquerda”. Ou nos transformamos em “direita”?

Como? Vamos a alguns fatos. Com um só decreto Stalin (cara de “esquerda”) fuzilou sem julgamento mais gente do que todo período czarista que ele abominava (os czares tinham a pachorra do julgamento burguês). Mao, o grande timoneiro (também de “esquerda”) levou chineses ao canibalismo para bajular Stalin. A corrupta ditadura de Fulgêncio Batista foi substituída por outra pior dos irmãos Castro (caras de “esquerda”). Os incompetentes e corruptos governos da elite venezuelana foram substituídos com louvor por incompetentes e corruptos governos de Chávez e Maduro. E a Bolívia do narcotráfico? Aqui, a corrupção que condenávamos no regime militar (de “direita”) foi à medula da sociedade nesses poucos mais de vinte anos de governos de “esquerda”. Nesse aspecto me parece que somos melhores do que os governantes da ditadura: estamos revelando um poder de corromper superior ao deles. Ou é apenas impressão?

Eis é a tragédia: a “direita” que abominamos venceu. Onde a “esquerda” assume no lugar da “direita”, a situação geral piora. Parece que a “esquerda” só quer trocar as moscas que roubam e extorquem o povo. Alguém com um pouco de sanidade consegue apontar um país onde a “esquerda” tenha assumido e feito melhor do que a “direita” corrupta e sanguinolenta? Preciso da dica para poder responder a alguns que estiveram na reunião em São Carlos. Preciso informações para ter a cara de pau e dizer para alguns que, sim, apesar de tudo valeram os riscos dos anos de chumbo. Dizer que a utopia dos anos de 1960 parar na cadeia por corrupção é acidente de percurso. Mais: é preciso evitar que os jovens de hoje se desesperem com os péssimos exemplos e não abdicuem de suas utopias, pois o mundo da “direita” não é fácil. Quem se habilita a passar alguma dica?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Mandela Esperança

Somos todos feitos do mesmo barro?

A indagação surge, fatalmente, quanto nos reportamos à trajetória de Nelson Mandela e, mais ainda, às manifestações que seguiram sua morte.

Há cascata de perguntas sendo formuladas em torno de Mandela. Etenho a impressão de que as respostas poderão se tornar ensinamentos valiosos para um mundo tão carente de exemplos a serem seguidos pelos diferentes povos e extremamente deficitário do tipo de governante que orgulhosamente podemos denominar de estadista.

Entre as indagações que faço agora, diante de sua morte, uma me acompanha desde o momento em que passei a conhecer um pouquinho da sua vida. Como pode um ser humano passar 27 anos na prisão na condição de preço político, condenado por uma tirania racista e sair para a liberdade com espírito conciliador. Um ser humano com tal postura é feito de que matéria prima? Onde Mandela deixou o ódio tão natural comumente gestado em tais situações? Onde ficou seu espírito de vingança, compreensível para quem passou o que passou? Onde ficaram suas lamúrias diante de tanta injustiça.

Afinal, que oleiro moldou Mandela?

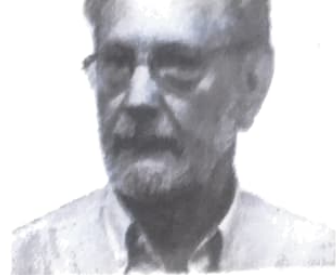
Quanto há de transcendência no barro que fez Mandela?

Como explicar que os poderosos se curvem desse modo a um cidadão de um país que, a exemplo do Brasil, está longe de ser potência?

O que está determinando uma quase unanimidade internacional em torno dessa figura tão simples e majestosa ao mesmo tempo?

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



O tamanho da obra de Mandela

Um olhar mais demorado sobre a realidade atual do continente africano ajuda a visualizar melhor o tamanho da obra de Nelson Mandela e entender por que ele foi tão homenageado. Quanto mais conhecemos a realidade africana maior será o respeito e a admiração por ele. Sociólogos, historiadores, antropólogos, políticos se manifestaram com intensidade nos últimos dias e nunca houve antes tanta unanimidade sobre a ação de um homem público em favor de sua Nação.

Com 820 milhões de habitantes Continente africano tem dois terços dos portadores de HIV do mundo, seus governantes estão entre mais corruptos e cruéis, a fome atinge 30 dos 53 países reconhecidos pela União Africana e ONU. As populações de 44 países estão submetidas a tiranias e regimes que sistematicamente violam direitos humanos e, como decorrência, a liberdade está totalmente condicionada.

Nesse quadro dramático, não causa estranheza que o segundo Relatório Mundial sobre Felicidade, organizado pela Universidade americana de Columbia por solicitação da ONU, coloque 14 países africanos entre os 20 mais tristes do Planeta. Para definir se o povo de um país é triste ou feliz "como critério de avaliação são tidos em contas a capacidade econômica, a família, a educação, a saúde, a esperança de vida, a liberdade de escolha, as relações com a comunidade e com as instituições públicas".

Repetimos: nos 20 países tidos como mais tristes (os outros seis são da Ásia) todos os direitos humanos são sistematicamente violados. "Os massacres de populações, torturas, censura da imprensa, controle férreo do poder pelos militares são rotineiros. A sua banalização é tal que estes atos deixaram de ser notícia na imprensa internacional". Em 1994, em 100 dias, Ruanda consumou um dos maiores genocídios da humanidade: os hutus assassinaram mais de 800 mil tutsis a machado e catana. Os hutus chacinaram 10 mil pessoas por dia, ou algo como 10 pessoas por minuto.

O moçambicano Mia Couto diz que tal violência toda foi possível "porque se tinha trabalhado para provar, uma vez mais, que os outros não eram pessoas humanas. O termo escolhido pela propaganda hutu para falar dos tutsis era cockroaches, baratas. A matança estava assim isenta de qualquer objeção moral, estava-se matando insetos e não pessoas humanas, compatriotas falando a mesma língua e vivendo a mesma cultura".

Como vicejou Mandela num quadro cultural dessa natureza? Não há resposta fácil. Mandela fez diferente. Foi democrata, republicano, estadista. Não cultivou o ódio e provou com muita dor que é possível respeitar e conviver com as diferenças. Mandela pensou num processo e quebrou o paradigma que moveu os hutus (negro assassinando negro), movia o regime racial branco da África do Sul (branco assassinando negro) que moveu Robert Mugabe do Zimbábue (negro assassinando negro) que bradava: "o que odiamos nos brancos não é a sua pele, mas o demônio que emana deles".

Um detalhe: a África do Sul é dona de um quinto de todo PIB do Continente porque graças a Mandela quebrou paradigma do coitadismo (que assola a América do Sul e impregna o discurso de certa "esquerda") e foi à luta. Quem mandou às favas a tendência de culpar os outros por suas falhas tem saído do buraco e ali no continente africano os exemplos são riquíssimos para comprovar a assertiva.

Enfim, entender e divulgar Mandela pode ajudar mais do que imaginamos...